

36)

— N° 36 — NOVEMBRO/DEZEMBRO 1991

ISSN 0102-5279

LIVRO VERDE  
A POLÍTICA DE  
REFLORESTAMENTO  
DO SETOR

# CELULOSE & PAPEL



Biblioteca  
do  
IPEA

**BRASIL 92  
COMO SAIR DA CRISE?**

BRACUNTA

“Você parece conhecer muito sobre  
Automação de Processos.”



Quando engenheiros de Processo falam sobre automação industrial, qualidade é uma consequência natural. Com suporte tecnológico da ABB Automation, a DFV Automação e Robótica vem fornecendo o mais moderno sistema integrado de Automação, respondendo à demanda por qualidade de seus usuários. Somente no setor de celulose e papel são mais de 3.500 malhas e 36.000 sinais de processo automatizados pelo Sistema MASTER.

*É claro que sim, este é o meu trabalho.*

Então, você é também um engenheiro de processo.

*Não, eu sou um técnico Senior em controle de qualidade.*

Certo, então você deve conhecer tudo sobre como fazer um papel de alta qualidade.

*Sem dúvida. E sei que a chave para a qualidade está no controle de processos.*

Eu comecei agora a trabalhar na fábrica de celulose e já sei que perder o controle do processo significa perder produção de celulose.

*O que significa também perder a produção de papel.*

Certo! Mas qual é o fornecedor de automação que vocês utilizam para a máquina de papel?

*O mesmo que se utiliza para a celulose: DFV MASTER. Nós estamos usando uma combinação perfeita de controle de instrumentação e lógica de intertravamento em um único SDCD. Estamos também usando o SDCD MASTER para supervisão do acionamento da máquina e do perfil do papel.*

Está tudo integrado?

*É isto aí.*

Então eu acho que vamos nos ver muito daqui para frente.

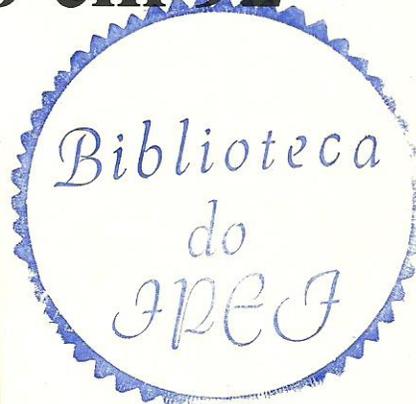
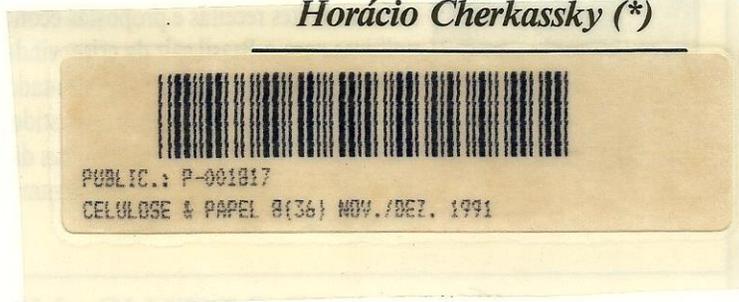
**DFV Automação e Robótica S.A. — EMPRESA DO GRUPO ARBI**

Fábrica: Alameda dos Uapés, 313 - CEP 04067 - São Paulo - SP - Tel.: (011)577-8944 - 275-0411 (ramal 278)

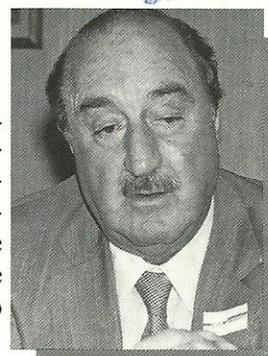
Vendas: Avenida Indianópolis, 882 - CEP 04062 - São Paulo - SP - Tel.: (011)572-4981 - Fax: (011)579-7338 - TLX 1157467

# Para um bom começo em 92

*Horácio Cherkassky (\*)*



O ano termina carregado de problemas. Não obstante os esforços para reverter o quadro de tensões, os índices econômicos permaneceram incontroláveis para possibilitar a harmonia desejada para reavancar a retomada do crescimento. Em que se pese toda a nossa esperança e a fé que depositamos no destino do Brasil, cumpre-nos reconhecer que já identificamos, na sociedade, alguns sinais visíveis e não mais velados de cansaço. Há um clima de descrédito que resvala para um indesejável estado de conformismo que precisamos conter.



Se fixarmos pontos mais distantes no horizonte mundial, onde buscamos uma maior inserção para melhor conviver num mercado que derruba fronteiras, também identificamos sinais de recessão econômica preocupando algumas nações industrializadas. Apesar dessa situação em quadros isolados, é importante notar que, no conjunto, deparamos com um intercâmbio mundial em franca expansão, crescendo ao ritmo de 4,5% sobre os 3 trilhões e meio de dólares do ano passado e completando o sétimo ano consecutivo de expansão. Há esperanças de que o Brasil possa auferir parte desse incremento. Basta que se construa, em 1992, que se avizinha, as bases mínimas para deter a queda do PIB, implementando-se medidas claras e estáveis para gerar o clima propício à retomada dos investimentos produtivos.

No âmbito interno, as forças políticas e todos os segmentos da sociedade precisam convergir para um entendimento. Se avançarmos para esse ponto com o pensamento voltado para a Nação e seu futuro, os demais obstáculos serão menos difíceis. E como o projeto para a construção do Brasil que desejamos não pode ficar desvinculado do mundo temos uma grande tarefa a desempenhar para promover a modernização da economia brasileira a que aspiramos. Para não ficarmos apenas na expressão do desejo, sugerimos um roteiro adequado a esse propósito, a começar pela inserção maior do Brasil às correntes mais dinâmicas da economia mundial, pois são elas as geradoras de investimentos diretos e de tecnologia da qual carecemos. A expansão das trocas internacionais permitirá a exportação de bens e serviços de maior valor agregado. Fator relevante será a conclusão das negociações da dívida externa para normalizar as relações econômicas do País com a comunidade financeira internacional e permitir chegar à precognizada estabilização interna e dela partir para a retomada do crescimento. Tal fato permitirá erigir uma nova imagem de credibilidade para o País, reduzindo os focos de resistência e, com isso, restabelecendo os fluxos de recursos dos financiamentos e investimentos externos de que tanto precisamos. Isso feito teríamos, então, um bom começo em 92.

• *Horácio Cherkassky é presidente da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.*

A Revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose — Rua Afonso de Freitas, 499 — CEP 04006 — São Paulo — SP — Fone: 885-1845.

#### Diretor Responsável

H. Horácio Cherkassky

#### Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires

Aldo Sani

Jamil Aun

Lenomir Trombini

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

#### Conselho Consultivo

GT 2 Divulgação

#### Coordenação Geral

Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE  
USE PAPEL

**Celulose & Papel** é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial. ISSN 0102-5279.



## UNIPRESS EDITORIAL

#### Diretoria

Alaôr José Gomes

Reginaldo Finotti

#### Diretor de Redação

Reginaldo Finotti

#### Redação

Eliana Haberli

Ana Lúcia Ventorim

Sílvia Pimentel

Suzi Castanheira

#### Colaboradores

Eloize V. de Souza (textos)

Hermínia Brandão (textos)

Luiz Brito (diagramação e arte)

Arlete Mendes de Souza (revisão)

Pool 7 (fotos)

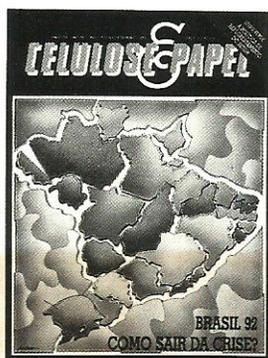
#### Publicidade

José Cruz Filho

#### Relações Públicas

Lina Carla Finotti

**Redação, Administração e Publicidade:** Av. Paulista, 2.006 — 11º andar — Conj. 1.103 a 1.109 — Fones: (011) 251-0366 e 285-6233 — Telex 1132183 — Telefax (011) 285-3785 — CEP 01310 — São Paulo - SP — **Impressão:** Ipsis Gráfica e Editora S.A. — **Composição e Fotolitos:** Linoart Gráficos e Editores.



## BRASIL 92 COMO SAIR DA CRISE?

Um programa de televisão de São Paulo apresenta todas as noites receitas e propostas econômicas e políticas para o Brasil sair da crise, vindas das mais diferentes personalidades. O apresentador do programa, Alexandre Machado, descreve os bastidores do programa, e algumas figuras públicas dão aqui seu depoimento pessoal do que consideram o caminho para o país se livrar dos seus males.

22

## PATROCÍNIO ESPORTIVO, UM ELO COM A COMUNIDADE

Duas importantes equipes de basquetebol são patrocinadas por empresas do setor de papel — Report Suzano e o Monte Líbano Ripasa. Com essa iniciativa, as empresas conseguem estreitar saudavelmente os laços com as comunidades onde se situam suas unidades fabris. Como o desenvolvimento esportivo no país depende desse apoio da iniciativa privada, os diretores das empresas esperam que seus exemplos sejam imitados.

8

## INPACEL ESCOLHEU A INOVAÇÃO

A Indústria de Papel e Celulose de Arapoti, a Inpacel, escolheu um processo industrial inovador para entrar firme na disputa do mercado interno e externo. O grupo Bamerindus está investindo nesse projeto US\$ 600 milhões, o maior investimento feito por grupo privado no Paraná.

19

## OS NOVOS DESAFIOS DA INDÚSTRIA

A produção mundial de celulose de mercado diminuiu em 1990, e deverá diminuir ainda mais neste ano. Mas os países da América Latina estão expandindo maciçamente sua produção em 1992, o que deverá alterar o quadro industrial. Os europeus, entretanto, não acreditam em nenhuma outra onda de expansão antes de 1995.

33

### E MAIS:

Mercosul	7	Meio Ambiente.....	16
Gente (José Carlos Pisani) .....	12	Suprimentos (Correntes).....	29
Livro Verde .....	14	Cicepla.....	38



# Deu defeito, mas tinha garantia.

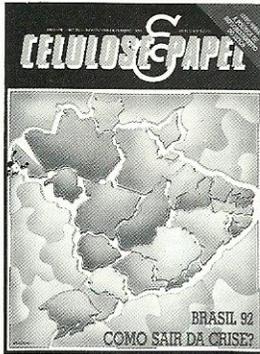
*Se você precisa de um revestimento anticorrosivo ou de um piso industrial de alta qualidade, capaz de resistir a qualquer tipo de agressão, nós somos a empresa mais qualificada para o trabalho.*

*Dispomos das tecnologias mais avançadas do mundo, fornecidas por nossa matriz na Alemanha. Trabalhamos com especificações extremamente rígidas e nunca nos damos o direito de errar, porque sabemos que não há garantia que cubra os prejuízos de parar uma fábrica. Agora, se você não está preocupado com nada disto, procure os nossos concorrentes. Eles cobram um pouco mais barato e oferecem garantias fantásticas. Que você provavelmente vai usar.*



Nossa garantia é tecnologia.

Consulte o Serviço de Atendimento ao Cliente Ancobras 9(011) 912-8628 • Grupo Keramchemie-Gail.



## BRASIL 92 - HOW TO EMERGE FROM THE CRISIS

Every night a São Paulo television program presents economic and political formulas and proposals for pulling Brazil out of its crisis. They come from a wide variety of personalities. The program host, Alexandre Machado, describes some of the things that go on behind the scenes and several public figures offer their own ideas on what steps they think the country should take to rid itself of its problems.

---

## INPACEL OPTED FOR INNOVATION

Indústria de Papel e Celulose de Arapoti, Inpacel, has chosen an innovative industrial process to cut itself a slice of the domestic and foreign markets. The Bamerindus group is investing US\$ 600 million in the project, the greatest investment yet made by a private group in Paraná.

---

## ENVIRONMENT IS THE NEW CHALLENGE

The world's production of pulp for the market dropped in 1990 and should dwindle even further this year. But the Latin American nations are expanding their output rapidly in 1992, a factor which should alter the industrial panorama. The Europeans, however, are not expecting another wave of expansion before 1995 - (PPI - october 1991).

---

## SPORTS SPONSORSHIP, A LINK TO THE COMMUNITY

Two major basketball teams — Report Suzano and Monte Líbano Ripasa — are being sponsored by companies in the paper industry. With that initiative, the companies are creating considerable goodwill in the communities where their plants are located. Since the development of sports in Brazil depends on the support of private initiative, the directors of the companies hope they are setting an example for others.

---

# UM PROBLEMA, OS CÂMBIOS DESIGUAIS

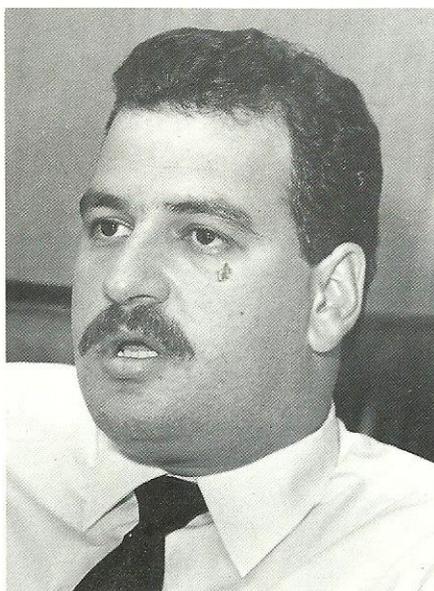
O Mercosul, que até o final de 1994 unirá economicamente as geografias do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, tem tudo para se tornar um fornecedor mundial privilegiado de celulose, papel, material gráfico e embalagens. Os empecilhos para a concretização desse desejo, entretanto, estão na natureza instável das economias dos países-membros. Esse raciocínio tem aparecido com frequência tanto nas reuniões oficiais do Mercosul como nos seminários debatendo comércio exterior que têm sido realizados no Brasil ultimamente.

Paridade cambial é a primeira reivindicação conjunta dos setores industriais de papel e celulose dos quatro países. Ela foi colocada como a necessidade de "harmonização das políticas cambiais com o fim de lograr paridades que não afetem a competitividade do esforço produtivo" pelos representantes privados e pelos coordenadores oficiais do Subgrupo 7, reunidos em Puerto Iguazu. A reivindicação encabeça uma relação de 19 itens (box) que compuseram a Ata do Acordo do Setor de Papel e Celulose, reiterada no encontro de Montevideú, a nível de subgrupos governamentais.

Na questão do comércio bilateral, a situação cambial hoje é favorável ao Brasil, que teve sua taxa oficial do dólar muito próxima à realidade, enquanto a Argentina, sob as normas de uma proposta econômica arrojada, convive com a taxa de câmbio fixada em nível artificialmente baixo.

"A Argentina perdeu competitividade e espaço e isso tem provocado desconforto aos industriais daquele país", diz Nilson Cardoso, da ANFPC. "Mas isso não significa que estejamos fazendo vendas exageradas para eles." Cardoso explica que houve um crescimento grande das

*Os quatro países que integram o Mercosul — Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai — encontram dificuldades com suas moedas e a paridade cambial é uma reivindicação conjunta dos setores industriais de papel e celulose.*



*Nilson Cardoso: Vendas de papel para a Argentina cresceram muito.*

exportações de papel do Brasil para a Argentina mas em termos percentuais. "Como o comércio anteriormente era muito pequeno, o crescimento significou muito em termos percentuais. Mas hoje o papel de imprimir e escrever exportado para a Argentina não passa de 2% ou 3% do volume total de bens exportados do Brasil para aquele país."

A saída para a Argentina, na visão de Cardoso, é a especialização em produtos que têm mercado no Brasil e países vizinhos, como a celulose de fibra longa, hoje adquirida pelo Brasil da Europa, do Canadá e do Chile.

Uma exortação para o Brasil

intensificar seu projeto de integração ao Mercosul veio do embaixador Rubens Barbosa, representante permanente do Brasil junto à Aladi - Associação Latino-americana de Integração e, presentemente, também responsável pelo Departamento de Integração do Itamaraty. Ao lançar em São Paulo seu livro "América Latina em Perspectiva — A Integração Regional da Retórica à Realidade", pela Editora Aduaneiras, Barbosa disse que a América Latina é o melhor mercado alternativo para os produtos brasileiros. Para Barbosa, tanto os mercados asiáticos como o europeu não apresentam condições de aumentar suas importações do Brasil a médio prazo.

Os dezenove pontos da Ata do Acordo de Puerto Iguazu abrangem também, além da harmonização de políticas cambiais e estabilidade no câmbio, o combate simultâneo às inflações através de política fiscal e monetária; equidade na carga tributária, tanto de impostos quanto de taxas; a necessidade de não exportar impostos; redução das cargas sociais para elevar o poder de compra dos assalariados; trazer o preço dos insumos, como energia, a níveis internacionais; simplificação aduaneira, principalmente entre os países-membros; estímulo à ampliação da base florestal; criação de uma cultura florestal; estabelecimentos de normas do desenvolvimento sustentado para o meio ambiente; intercâmbio de informações e estatísticas; eliminação total dos controles de preços; eliminação dos subsídios no espaço econômico comum; tarifas alfandegárias comuns; agilizar o fluxo de capitais entre os países-membros; estabelecimento de normas de qualidade no padrão ISO 9000; convocar os setores gráficos e de conversões de papel para o desenvolvimento setorial de todos; estimular a criação de tecnologias próprias; e criar mecanismos para a solução das controvérsias que possam atrapalhar a integração. ■

# CESTA! RIPASA E SUZANO BRILHAM NO GINÁSIO

**D**uas grandes empresas, dois grandes times. O campeonato estadual paulista de basquetebol neste ano de 1991 e provavelmente o torneio nacional que se realizará no início de 1992 contam com as combativas equipes Report Suzano e Monte Líbano Ripasa, patrocinadas por empresas do setor. Técnicos de renome, duas estrelas vindas dos Estados Unidos em cada equipe, um desempenho bastante equilibrado, essas equipes representam um amplo esforço da iniciativa privada do setor papeleiro para o desenvolvimento do esporte nacional, que cada vez mais depende desse tipo de apoio.

“A empresa vai bem, consegue bons resultados, precisamos de alguma forma dar uma resposta à comunidade” diz o presidente da Ripasa, Abrahão Zarzur. “O esporte é uma maneira da empresa se integrar na localidade a que pertence, dentro de sua estratégia de ser aberta à comunidade” analisa o gerente de Relações Externas da Suzano, José de Brito Castro.

O patrocínio esportivo mantido pelas duas empresas integra a política institucional de se mostrarem participantes e conscientes de seu papel social, mas está bastante afastado dos objetivos imediatos do marketing. “Lógico que nós não visamos com isso fazer propaganda de papel” diz Zarzur. “Nosso produto não é como chocolate, ou qualquer outro alimento, não é assim que se vende papel”. Também para a Suzano, o engajamento no patrocínio do agora famoso time de basquetebol objetivou atender um apelo específico da comunidade local, feito pela atual administração municipal de Suzano, que convidou as maiores empresas a se engajarem num programa de desenvolvimento esportivo e cultural. ▶





Mais de 2.000 clientes espalhados por todo o Brasil. Uma capacidade de produção de 28 milhões de envelopes por mês. Uma vasta linha de produtos com dezenas de opções em formatos, gramaturas e papéis. Uma velocidade de entrega capaz de despachar para todo o país em menos de 24 horas. Trinta anos inteiros de dedicação exclusiva à fabricação de envelopes.

## **FOI PRECISO MUITO PAPEL PARA ESCREVER ESTA HISTÓRIA.**

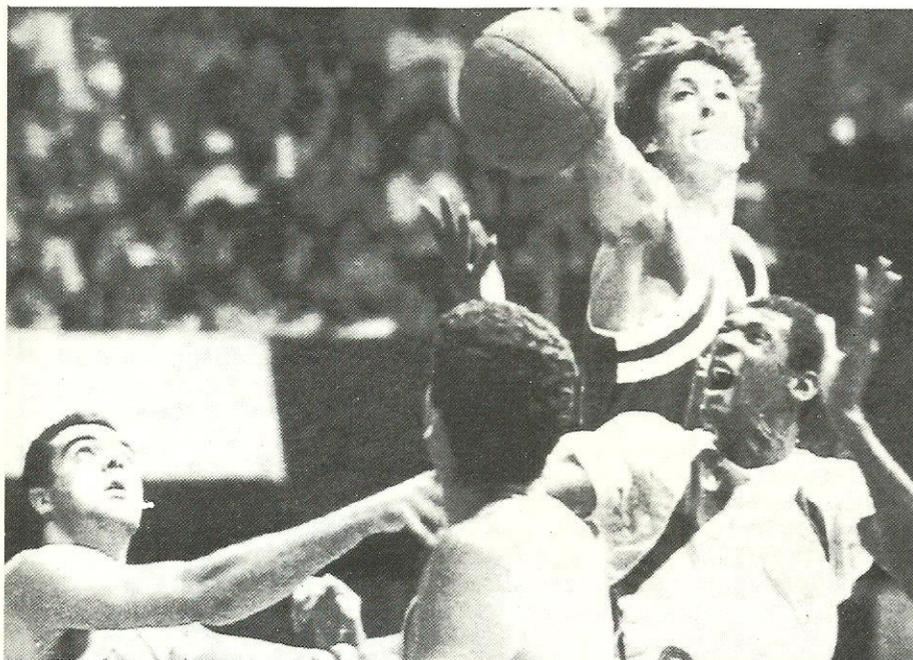
Esta é a história da Planalto. Da qual também fazem parte os mais respeitados fabricantes de papel e equipamentos, gráficas, papelarias, bancos, agências de propaganda, órgãos públicos e uma infinidade de outras empresas que, como fornecedores ou clientes, fizeram da Planalto o maior fabricante especializado em envelopes do país.

Por tudo isso, quando precisar de qualquer tipo de envelope, fale com quem tem muitos quilômetros de papel rodado no mercado: Planalto.

R. dos Buritis, 818  
CEP 04321  
São Paulo - SP  
Fone: 577- 6822  
Fax: 577- 6807



**O MAIOR  
FABRICANTE  
ESPECIALIZADO EM  
ENVELOPES DO BRASIL.**



A Cia. Suzano propôs o desenvolvimento da modalidade basquete a partir dos talentos esportivos locais da USAC — União Suzano Atlético Clube, e repassa metade dos recursos necessários para isso à Prefeitura.

## Crescimento esportivo

Os incentivos foram decisivos para a qualidade esportiva. Em um ano, no ano de 89, o clube local de Suzano, deixou a divisão A-2, onde se sagrou vice-campeão para ingressar na primeira divisão. Nessa oportunidade perdeu apenas do tradicional São Paulo F.C.. “No apito” não se conforma até hoje o apaixonado J. Brito. Aí começou a fase de ouro de contratações de profissionais e técnicos, e neste ano de 91 o Report terminou o primeiro turno do campeonato estadual em segundo lugar, mesmo posto conseguido nos Jogos Regionais do Interior em julho.

Foi o time da Suzano, também, que trouxe de clubes com mais tradição nas modalidades de equipe figuras do noticiário esportivo, como o técnico José Roberto Lux, o “Zé Boquinha”, vindo do Flamengo. Na temporada deste ano, Zé Boquinha passou a ser técnico do Monte Líbano Ripasa. “Pura coincidência” garante o presidente da Ripasa, procurando ignorar uma rivalidade que faz as torcidas nos estádios pegarem fogo. No Report, Zé Boquinha foi substituído pelo não menos famoso Luiz Carlos Gomes

Rabello, o “Mical”, que já integrou como jogador e técnico equipes de basquetebol como a do Corinthians.

## Reconhecimento da torcida

O reconhecimento das torcidas, torcidas que misturam gente das cidades onde estão sediadas as fábricas com funcionários, seus familiares, e os frequentadores dos clubes, dificilmente será um dia um resultado empresarial mensurável. Mas é esse entusiasmo que leva adiante os patrocínios esportivos mais importantes da Suzano e da Ripasa, e que enche de satisfação o veterano capitão industrial Abrahão Zarzur, quando os amigos e conhecidos elogiam a categoria do time. Ou transforma J. Brito de Castro da Suzano num torcedor fanático no ginásio Paulo Portela, naquele município.

E quanto isso custa para as empresas? Mical, técnico do Report, faz, com conhecimento de causa, as contas de remuneração dos atletas, custo de hospedagem, alimentação, material esportivo, transporte, brindes: de US\$ 22 a US\$ 25 mil mensais. Abrahão Zarzur evita revelar esses cálculos, diz que as contas ficam com outro departamento. “E eu não pergunto para eles para não ficar assustado” brinca.

O empresário Zarzur espera que outros sigam o exemplo da Ripasa. “Sinto que a gente dá um bom exemplo para outras empresas. Não digo que todos devem patrocinar um grande clube, mas há mui-

tas maneiras de atuar nessa área — patrocinar um atleta, um tenista, ou mesmo no campo das artes um dançarino, um pintor.”

Os apoios esportivos da Ripasa vão bem além do patrocínio ao Monte Líbano e já se tornaram parte da cultura da empresa. Ela desenvolve programa diversificado de patrocínio nas comunidades onde estão as fábricas — Limeira e Americana. Foi com a camisa da cidade de Americana e com um apoio emocionante da torcida local, que o Monte Líbano participou e se tornou vice-campeão dos últimos Jogos Abertos do Interior.

A Ripasa levantou também a equipe de futebol do Rio Branco de Americana, clube tradicional que não andava bem das pernas, e levou a equipe para a primeira divisão. Em Limeira, patrocina o saltador de altura e distância do Sesi, Clóvis Gonçalves Pena. E em São Paulo, três tenistas mirins da mesma família, descoberta pessoal de Zarzur, sobre quem alguns funcionários comentam que “antes de começarmos a trabalhar, ele já jogou três partidas de tênis”.

“Nosso objetivo principal é apoiar a juventude” sintetiza ele.

## O objetivo é a comunidade

Os patrocínios da Suzano são dirigidos com ênfase sempre na comunidade onde as duas fábricas estão instaladas, e se centram no trabalho e no entusiasmo de J. Brito, que há muito extrapolou a primitiva função de gerente de Recursos Humanos que o trouxe à empresa há quase sete anos. As atividades vão desde a participação na tradicional Festa da Cerejeira até a Festa do Peão Boiadeiro e à campanha “Não Solte Balões”. Quando a imagem original de Nossa Senhora de Fátima veio ao Brasil este ano, uma inédita missa campal com a presença dela lotou o pátio anexo à fábrica.

O departamento comandado por Brito de Castro, com o forte apoio da diretoria quer agora colaborar na formação atlética de jogadores de basquete, em divisões infantil e juvenil que procurarão formar novos plantéis de astros para o time principal. Essa iniciativa das escolinhas de esporte passou a ser exigência da Federação Paulista de Basket-ball, e conta também com a colaboração do Monte Líbano Ripasa. Empresas e clubes concordam que é nessa direção, na direção da formação de esportistas, que querem caminhar. ■



Para ser bem sucedida, uma empresa precisa de sorte. Mas não foi só com sorte que a Planalto se tornou o maior fabricante especializado em envelopes do país.

Também foi com muito trabalho. Um trabalho que começou há trinta anos, quando seus envelopes ainda eram fabricados num processo 100% artesanal. E que hoje, mesmo com equipamentos que produzem 28 milhões de envelopes por mês, continua presente na vida da empresa.

## **PARA CHEGAR ATÉ AQUI, FOI PRECISO MUITO MAIS DO QUE SORTE.**

Com muito trabalho, a Planalto controla passo a passo sua produção, sempre atenta para atender às necessidades do mercado. E é trabalhando com agilidade que envia seus envelopes para qualquer parte do país, em até 24 horas.

Por isso, quando você precisar de envelopes, não arrisque na sorte. Fale com a Planalto.

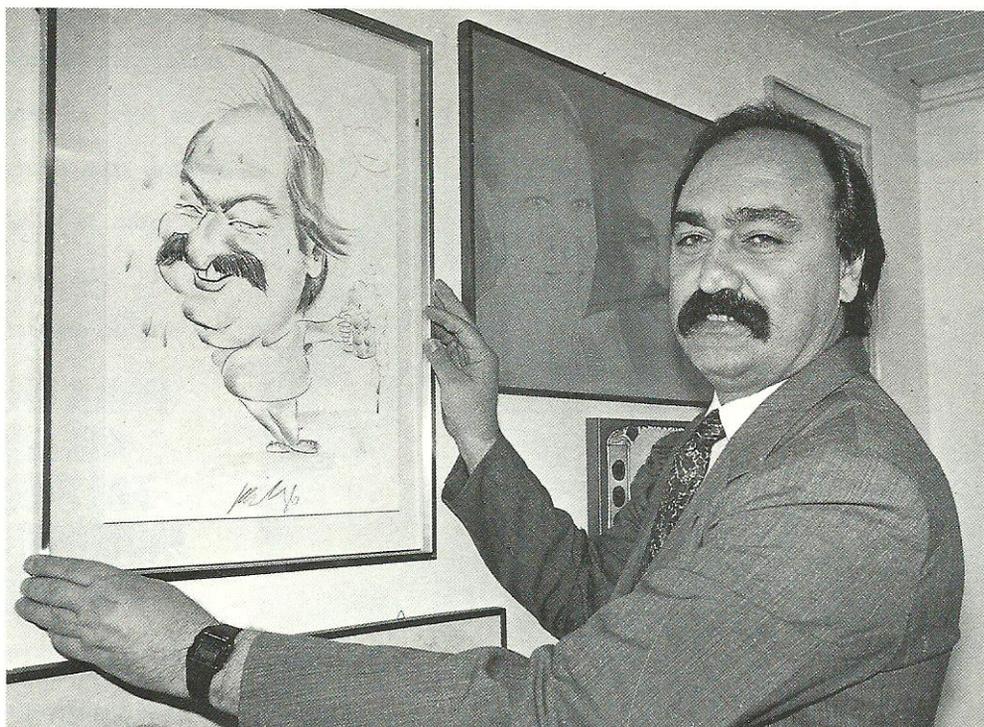
R. dos Buritis, 818  
CEP 04321  
São Paulo - SP  
Fone: 577- 6822  
Fax: 577- 6807



**O MAIOR  
FABRICANTE  
ESPECIALIZADO EM  
ENVELOPES DO BRASIL.**

*José Carlos Pisani*

## UM VOTO DE CONFIANÇA NO TRABALHO E NO PAÍS



*Engenheiro químico que jamais exerceu a profissão, o diretor-superintendente da Iguazu faz "alquimias" para manter a empresa lucrativa dentro da desordem da economia nacional. E é otimista: "As coisas vão se ajustar no médio prazo".*

O diretor-superintendente da Iguazu Celulose Papel S/A., José Carlos Pisani, faz parte daquele grupo de empresários que acredita no entendimento nacional como solução à crise político-econômica há muito vivida no País. "O próprio caos vai forçar o entendimento", prevê. "O Brasil não vai parar, mas as coisas só vão se ajustar no médio prazo." Pisani tira essas conclusões dos fatos mais recentes sobre o agravamento do descontrole da inflação e, principalmente, da experiência particular de duas décadas dedicadas à empresa paranaense que é uma das grandes do setor no Estado, enfrentan-

do e aprendendo a lidar com o sobe e desce da moeda, do câmbio e dos indezadores.

Catarinense de Tangará, ele chegou à Iguazu em 1970, com 24 anos de idade e o diploma de bacharel em Engenharia Química — conquistado no ano an-

terior na Escola de Engenharia Mauá, em São Paulo — debaixo do braço. A primeira função na empresa, então voltada exclusivamente ao setor madeireiro, ele define como a de "um aspone": secretário particular do pai, Nelson Pisani, já falecido, que comandava os negócios. Mas o jovem, que não faria nada relacionado à engenharia química dentro da Iguazu, chegou em boa hora. No ano seguinte, começa a expansão que resultaria nos contornos atuais da companhia — um grupo empresarial formado por quatro unidades industriais que empregam 1.200 funcionários.

## Evolução

De lá para cá, o então administrador aprendiz acompanhou todos os principais passos do desenvolvimento da empresa. Testemunhou os investimentos feitos em Santa Catarina — primeiro na Celupel, em Curitibaanos, em 1971, e depois na Ibicuí, em Campos Novos, em 1972 — e no Paraná — começando por uma grande reserva florestal em Mangueirinha, em 1973, depois na unidade de Piraí do Sul, em 1980, São José dos Pinhais em 1981 e Londrina em 1989.

A evolução profissional caminhou lado a lado com o amadurecimento pessoal. Casou-se, teve três filhos e, para acelerar o acontecimento dos resultados advindos da prática de trabalho, encontrou tempo para a reciclagem teórica. Em 1978 concluiu o curso de pós-graduação em Administração de Empresas na então Universidade Católica do Paraná e 11 anos depois, na Faculdade de Administração e Economia do Paraná, o de pós-graduação em Economia.

## A vez do lazer

Toda essa intensa atividade, no entanto, não quer dizer que Pisani possa ser rotulado de um **workaholic**. Se já teve de abrir mão temporariamente de suas partidas de tênis, não dispensa uma boa caminhada de uma hora de duração, todas as manhãs, pelo Parque Barigui, em Curitiba. E, sempre que possível, aproveita para se refugiar com a família em Caldas de Imperatriz, cidade próxima a Florianópolis. Esses cuidados, religiosamente observados, não foram suficientes para livrá-lo de duas verdadeiras pragas que acometem muitos representantes dessa categoria de trabalhadores: a gastrite e a enxaqueca.

Na esfera do lazer, Pisani só não encontra lugar para uma coisa: a literatura. “Não consigo ler livros”, diz. “Tudo o que me cai em mão para ser lido — e até pela necessidade permanente de atualização — se resume a artigos técnicos de revistas especializadas e publicações de imprensa em geral.” Mas ain-

da que fosse um consumidor contumaz de literatura, garante o empresário, certamente não perderia o seu tempo com as páginas de “Zélia, uma paixão”.

## Desempenho

No momento, além e ao mesmo tempo em consequência da instabilidade político-econômica, Pisani está com toda a sua atenção concentrada na expectativa de fechamento comercial deste

---

*Caminhadas diárias nos parques de Curitiba substituíram as partidas de tênis, que garantem o bom estado físico. E nas atividades de lazer, leitura não entra: jamais perderia tempo lendo Zélia, uma paixão.*

---

ano difícil. De acordo com suas estimativas, a Iguazu Celulose Papel S/A deverá encerrar 1991 com uma produção aproximada de 60.000 t de papel para sacos, 12.000 t de papel base para carbono, 6.000 t de papelão e 85.000 t de celulose. Desse total, cerca de 10% deverão ser exportados para países da África e da América Latina. “Se não fecharmos com prejuízo, uma coisa é certa: o lucro será muito pequeno”, prevê.

Apesar de toda essa justificada falta de perspectivas melhores em termos de faturamento real, Pisani acena com a forte possibilidade de duplicação da capacidade produtiva da unidade de Piraí do Sul, onde são industrializadas celulose de fibra longa não branqueada. Essa unidade, que entrou em operação produzindo 30 t diárias de celulose, hoje já alcançou a marca das 250 t.

## Perspectivas

Também é promissor o futuro da unidade londrinense da Iguazu. Industrializadora de papel para embalagem e cai-

xas de papelão, a fábrica foi ativada há dois anos com uma produção diária de 20 t. Hoje produz 100 t/dia e dentro dos próximos dois anos deverá atingir a marca das 200 t/dia.

Uma boa prova da credibilidade de que goza a Iguazu em termos de futuro de mercado de papel e celulose, apesar do cenário de crise, segundo Pisani, é o comportamento dos 1.200 funcionários das quatro unidades no que toca a questão salarial. “Nunca, em nenhum momento desde os primeiros tempos da empresa, registramos uma só greve. Isso é sinal de que os nossos trabalhadores estão conscientes de que a empresa dispensa a eles um melhor tratamento na medida do economicamente possível”, afirma.

## Revelações

Para o empresário, que vê na dependência da recuperação da economia brasileira não só o futuro das empresas mas até mesmo o do futebol arte canarinho, já estão surgindo lideranças que podem, num futuro próximo, começar a pôr ordem na casa. “O Fleury, que está agindo com muito cuidado, vem se revelando uma grata surpresa”, exemplifica, citando suas impressões sobre o governador paulista. “Isso é bom porque o País não agüenta mais alternativas conhecidas como Quercia, Lula ou Brizola”, desabafa.

Sobre a relação entre o desempenho econômico e o futebol, Pisani explica: “Como acontece com os empregados e com os empregadores, os jogadores de agora, que têm o mesmo potencial dos antigos, dependem até mesmo dessa motivação emocional para trabalhar melhor”. Mas apesar de reconhecer o talento da nova geração de jogadores de futebol brasileiros, Pisani tem no argentino Diego Maradona o maior craque da atualidade, “apesar de todos os problemas”, disse, ao se referir ao envolvimento do jogador com a polícia. Craque brasileiro de hoje, na opinião do empresário, existe mas em outra especialidade: é o tricampeão de Fórmula Um Ayrton Sena, que ele não deixa de ver correr a cada grande prêmio. ■

# A POLÍTICA DE REFLORESTAMENTO DO SETOR

Duratek-Divulgação



O setor de papel e celulose acaba de preparar o seu Livro Verde, contendo as normas de procedimento do setor diante da questão do reflorestamento e preservação da vegetação. É uma tomada de posição da ANFPC e seus representantes diante da sociedade empresarial e da sociedade civil em geral e uma resposta às necessidades manifestadas por diversas camadas sociais diante do século que se avizinha. Com o Livro Verde, as empresas do setor informam como participam e como gostariam de participar

do esforço geral pela preservação ambiental.

O Livro Verde — Diretrizes para Atuação da ANFPC no Segmento Florestal — é resultado de quase um ano de trabalho coordenado pelo CT-7 — Reflorestamento e Correlatos. Através de questionários e trabalhos específicos foram ouvidas todas as empresas e feito um levantamento minucioso da realidade florestal brasileira.

A intenção dessa obra é também cha-

mar a atenção das autoridades e de empresários para que a soma das ações e esforços individuais seja uma atuação harmonizada com os princípios sociais, sem colocar em risco os objetivos e a sobrevivência da estrutura empresarial.

O trabalho tem aspectos de impacto e de vanguarda — o setor se mostra sensível para com os objetivos dos ambientalistas — e aponta a necessidade de evoluir para acompanhar as mudanças técnicas e sociais, que a cada dia se processam com maior velocidade. ►

# A Celulose de Linter da Nitro Química desempenha um importante papel na indústria nacional.

Quando o assunto é Celulose de Linter, a Nitro Química assume um papel de destaque.

Controlando características como viscosidade, grau de absorção e teor de alfa celulose, estamos aptos a desenvolver Celulose de Linter com as especificações ideais para sua empresa, garantindo entregas no prazo e nas quantidades que você precisar.

Nosso produto está presente em papéis de segurança, espessantes, elementos filtrantes, celofane, rayon, fraldas descartáveis e absorventes higiênicos.

Garantimos o fornecimento para empresas líderes em seus setores, como a Indústria de Papel Salto, a Aqualon, a Ultraquímica e a Hoëchst.

Conheça a qualidade da Celulose de Linter da Nitro Química solicitando a visita de um técnico através do telefone 543-5033. Sua empresa também vai desempenhar um importante papel na indústria nacional.

**NITRO  
QUÍMICA** 

**ESCRITÓRIO DE VENDAS E COMÉRCIO EXTERIOR:**

Av. Nações Unidas, 11.633 - 11º andar

Cep 04578 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 543-5033 - Fax: (011) 543-5370 - Telex: 11 53985

O Livro Verde é ainda um trabalho inédito no tocante ao campo de conhecimento florestais no Brasil e nesse sentido vem para dar apoio às empresas do setor e às autoridades públicas administradoras de recursos florestais. Será apresentado em seguida às autoridades federais e estaduais, com as quais será feita a implementação das medidas preconizadas e que são da alçada governamental.

O Livro compreende os capítulos "Os Meios, As Ameaças e as Potencialidades", "Situação Atual e Desejada", "Diretrizes Estratégicas", "Linhas de Ação", "Tendências para o Período 1991/2000", "Estatísticas Econômicas e de Produção", e "Estatísticas e Gráficos Florestais". O quadro do lado foi tirado do capítulo Situação Atual e Desejada.

### Disponibilidade e demanda de madeira

#### Situação atual

- \* Crescimento do uso da madeira de florestas plantadas para outras finalidades.
- \* Inexistência de estatísticas confiáveis que possibilitem o planejamento setorial.
- \* Escassez e aumento real do preço da madeira em algumas regiões.
- \* Substituição gradativa das florestas plantadas por outras culturas.
- \* Participação insignificante de pequenos e médios proprietários no abastecimento industrial.
- \* Reformas e novos plantios restritos às empresas verticalizadas.

#### Situação desejada

- \* Políticas de produção de madeira para manutenção da competitividade das indústrias instaladas nas regiões mais desenvolvidas.
- \* Participação de pequenos e médios proprietários no abastecimento das indústrias.
- \* Planejamento florestal convergente, abrangendo florestas e expansões industriais, visando a utilização racional e sustentada dos recursos florestais.
- \* Estatísticas sistematizadas que possibilitem o planejamento do setor.

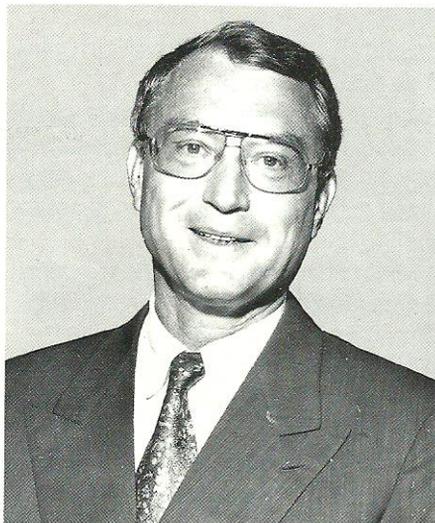
## MEIO AMBIENTE

# MANUAL DIDÁTICO PARA LIDAR COM A TERRA

Um manual para cuidar do Planeta Terra, com nove princípios básicos, constitui a nova estratégia mundial para o desenvolvimento sustentável com a assinatura da ONU.

Lançada em 60 países simultaneamente, a estratégia foi elaborada em conjunto pelo PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, pelo WWF — Fundo Mundial para a Natureza e pela UICN — União Internacional para a Conservação da Natureza.

No Brasil, o livro "Cuidando do Planeta Terra — Uma Estratégia para o Futuro da Vida", que condensa o estudo e apresenta mais de 130 atitudes que as comunidades podem assumir para melhorar o meio ambiente, foi entregue à Presidência da República, ao Supremo Tribunal Federal, ao Senado e à Câmara dos Deputados, bem como a deputados federais, senadores, governadores de estado, presidentes de Assembléias, líderes religiosos, políticos, empresariais e sindicais e à Imprensa.



*Henner, do Fundo Mundial para a Natureza*

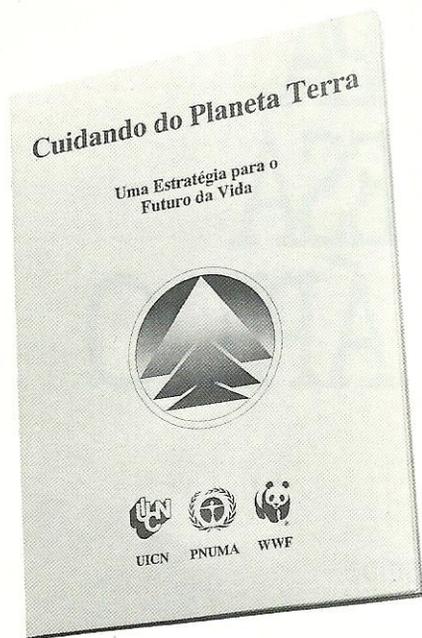
O diretor executivo geral do WWF Internacional — uma das maiores entidades ambientais do mundo —, Henner P. Ehringhaus, explica que "mais do que um documento, Cuidando do Planeta Terra é uma visão realista e positiva dos problemas ambientalistas que desafiam a humanidade, enfatizando ser necessário mudar

atitudes práticas de indivíduos, comunidades, empresários e governos, para que o desenvolvimento se faça dentro dos limites suportáveis pelo meio ambiente. Caso contrário, o desenvolvimento não será sustentável a longo prazo e o futuro da vida na Terra está ameaçado". Ele destaca ainda que "não podemos separar o problema do meio ambiente da luta pela sobrevivência, afinal a degradação ambiental agrava a miséria".

#### Nove Pontos

1) Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos; 2) melhorar a qualidade de vida humana; 3) conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra; 4) minimizar o esgotamento dos recursos não-renováveis; 5) permanecer dentro dos limites da capacidade de suporte do Planeta; 6) modificar atitudes e práticas pessoais; 7) permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio

O Futuro do Planeta



ambiente; 8) gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação; e 9) constituir uma aliança global. Esses são os nove princípios da estratégia oficial da ONU.

“Cuidando do Planeta Terra” é a continuação do pioneiro “Estratégia Mundial para a Conservação”, de 1980, que se tornou a bíblia ambientalista. Diante das novas estratégias de conservação nacionais e regionais, desenvolvidas na década de 80 em vários países e dos recentes conhecimentos sobre a interdependência entre fatores sociais, econômicos e ecológicos e o desenvolvimento humano, conclui-se que, apesar da importância do ECM, faltava-lhe dimensão social e econômica adequada para integrar conservação e desenvolvimento durante os anos 90 e os seguintes.

Em 1987, os patrocinadores, PNUMA, WWF e UICN, realizaram uma revisão da primeira estratégia, somaram a ela sugestões de cientistas, organizações ambientalistas, entidades governamentais e de seus conselheiros, e coletaram dados de diferentes regiões do mundo até chegarem ao documento final. “Assim como o estudo anterior, esse deve ser endossado e adotado por governos, organizações intergovernamentais, organizações não-governamentais, empresários e indivíduos em tantos países quantos possíveis como um plano de ação estratégico para a conservação e o desenvolvimento nas próximas décadas”, observa Henner P. Ehringhaus.

A população mundial de 5,5 bilhões de pessoas e, em especial, o 1 bilhão que mora nos países mais ricos já estão sobrecarregando os ecossistemas da Terra. De acordo com projeções da ONU — Organização das Nações Unidas, no ano 2050, a população mundial será de 10 bilhões de pessoas. Estimativas recentes apontam 11 e 12 bilhões. A não ser que haja mudanças decisivas no estilo de vida, menos desperdícios e mais cooperação não há como garantir uma vida digna para esse número de pessoas.

Segundo o estudo, a solução é a adoção universal de uma ética para a vida sustentável e a aplicação prática dos seus princípios. Os povos precisam viver dentro dos limites ambientais da Terra. A escolha é entre usar melhor os recursos naturais — de maneira que o máximo de pessoas, agora e no futuro, tenham uma qualidade de vida decente — ou continuar com as atuais práticas e iniqüidades e comprometer o futuro.



Segundo o estudo, o Brasil está no grupo dos países médios-baixos em termos de renda, a expectativa de vida dos brasileiros é de 66 anos, está entre os países que consomem pouca energia e tem uma taxa de fertilidade de 3,2%, o que representa uma média alta.

**Negócios, Indústria e Comércio**

O diretor executivo geral do WWF, Henner F. Ehringhaus, durante o Seminário Internacional sobre Jornalismo Ambiental, promovido em São Paulo,

em outubro, afirmou que as indústrias, em geral, vêm causando sérios problemas ao meio ambiente. Para ele, é necessário que as empresas de grande e médio portes adotem planos estratégicos para a preservação da natureza, bem como auditorias internas para a fiscalização dessas metas.

Diante disso, para garantir um desenvolvimento considerando as necessidades do presente e o compromisso com o futuro e respeitando a capacidade dos ecossistemas, o estudo separa um capítulo para Negócios, Indústria e Comércio.

Três quartos dos países do mundo estão em desenvolvimento e, nos próximos 30 anos, devem investir no crescimento de suas indústrias. Mas esse desenvolvimento não deve impor pesados custos sociais à humanidade. As empresas devem reconhecer que cuidar do meio ambiente é um bom negócio. Otimização de energia, redução de lixo e prevenção da poluição são ações que podem resultar no aumento de lucro.

Os empresários devem estar atentos à ética do crescimento sustentável e devem tomar cuidado para que suas práticas, processos e produtos conservem a energia e os recursos naturais, com o mínimo de impacto sobre os ecossistemas.

Segundo o estudo, as ações necessárias são:

- Propor um novo diálogo entre governo, empresários e organizações ambientalistas;
  - Desenvolver os negócios de forma sustentável, ou seja, para que possam ser mantidos por tempo indeterminado, e com a excelência do meio ambiente, expresso em uma criteriosa e avançada performance, com incentivos econômicos.
  - Garantir a confiança da indústria com discussão de objetivos, processos e práticas e com a abertura de seus resultados à população para monitoração.
- Até o final do século, todos os países deverão contar com sistemas de controle e punição da poluição, bem como deverão ter princípios de prevenção do desperdício e de controle do lixo e a maioria das grandes empresas do mundo deverá publicar suas políticas corporativas para o meio ambiente. ■

# FINAME BANESPA. PARA SUA EMPRESA ENGRENAR MAIS RÁPIDO.

O Finame Banespa é ágil e eficiente.  
Quem já usou sabe que pode contar com uma equipe  
de técnicos especializados que encaminham o seu  
financiamento com a máxima rapidez.  
Seja qual for o tamanho de sua empresa, fale com a  
gente para adquirir máquinas e equipamentos.  
No Banespa, o seu financiamento não emperra.

**banespa**  
A FORÇA DA NOSSA GENTE



# INPACEL APOSTA NA INOVAÇÃO

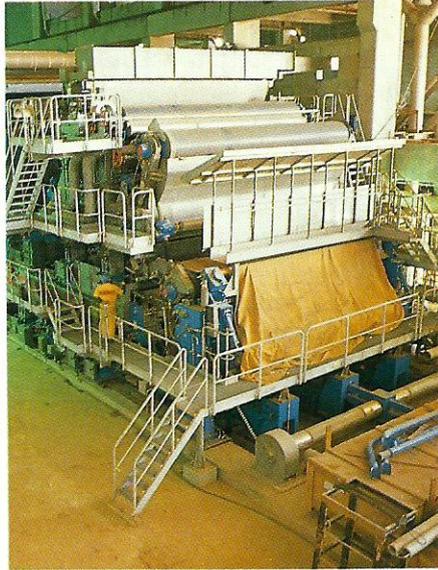
**N**o município de Arapoti, a 254 Km da capital paranaense, tiveram início em 1989 as obras da Inpapel — Indústria de Papel e Celulose Arapoti. Numa década marcada pela luta a favor da preservação do meio ambiente, o grupo Bamerindus se lançou num empreendimento arrojado: a construção de uma fábrica de papel para substituir a antiga, adquirida em 1983 e que ainda funciona com maquinário trazido por imigrantes alemães no início do século. A pequena fábrica de papel de Arapoti, produzia 130 toneladas ao mês.

A Inpapel produz hoje 650 toneladas mensais de papel e a antiga fábrica, apesar de produtiva, faz parte do passado. Adotando tecnologia de ponta internacional, ela se prepara para ser, a partir do próximo ano, a mais moderna fábrica de papel de escrever e imprimir da América Latina.

Depois de um ano de estudo de mercado, segundo o diretor presidente da Inpapel, José Carlos Gomes Carvalho, foi escolhido o processo mecânico para desfibrar a madeira, ou seja, CTMP — pasta quimtermomecânica — que minimiza os problemas causados ao ambiente. Este processo de fabricação de papéis na linha de imprimir e escrever é pioneiro no Brasil pois se baseia na madeira de fibra longa e sem o uso do processo químico convencional.

A madeira de fibra longa, como o “pinus taeda” escolhido como a madeira ideal para servir como matéria-prima do novo processo de fabricação, forma 95% do reflorestamento da empresa, que tem hoje 55 milhões de árvores em quatro fazendas na região.

Não utilizando o processo químico de cozimento, e adotando o processo contínuo, a Inpapel inaugura outra página na história do papel no Brasil, garante Carvalho. Nós entraremos com o sistema de



*O novo processo mecânico para desfibrar a madeira, utilizado pela Inpapel na fabricação de papéis, é pioneiro no Brasil e será feito a partir de fibras longas e sem o uso do processo químico convencional.*

tratamento com efluente zero. Todo o resíduo que sai da pasta é evaporado, concentrado e depois recuperado, voltando novamente ao processo. “Para o rio não vai nada”, explica o diretor superintendente Marco Antonio Dorigon, e apenas 500 Kl/dia é que vão para o aterro sanitário. Completa-se, dessa forma, um circuito completamente fechado, sem ocasionar dano algum ao meio ambiente.

O papel que a Inpapel irá fabricar a partir do próximo ano, segundo seus cálculos, chegará ao mercado a um preço de 10% a 15% inferior que os dos concorrentes — os fabricantes de papéis couché de pasta química (papéis “woodfree” revestido) —, pela inexistência do produto no Brasil e pelo processo chamado de alto rendimento utilizado para a sua produção.

Este tipo de papel, serve para a fabricação de cadernos, blocos, revistas, formulário contínuos. Com a matéria-prima que dispõe, a Inpapel se qualifica para alcançar a faixa mais disputada do setor de Papel e Celulose.

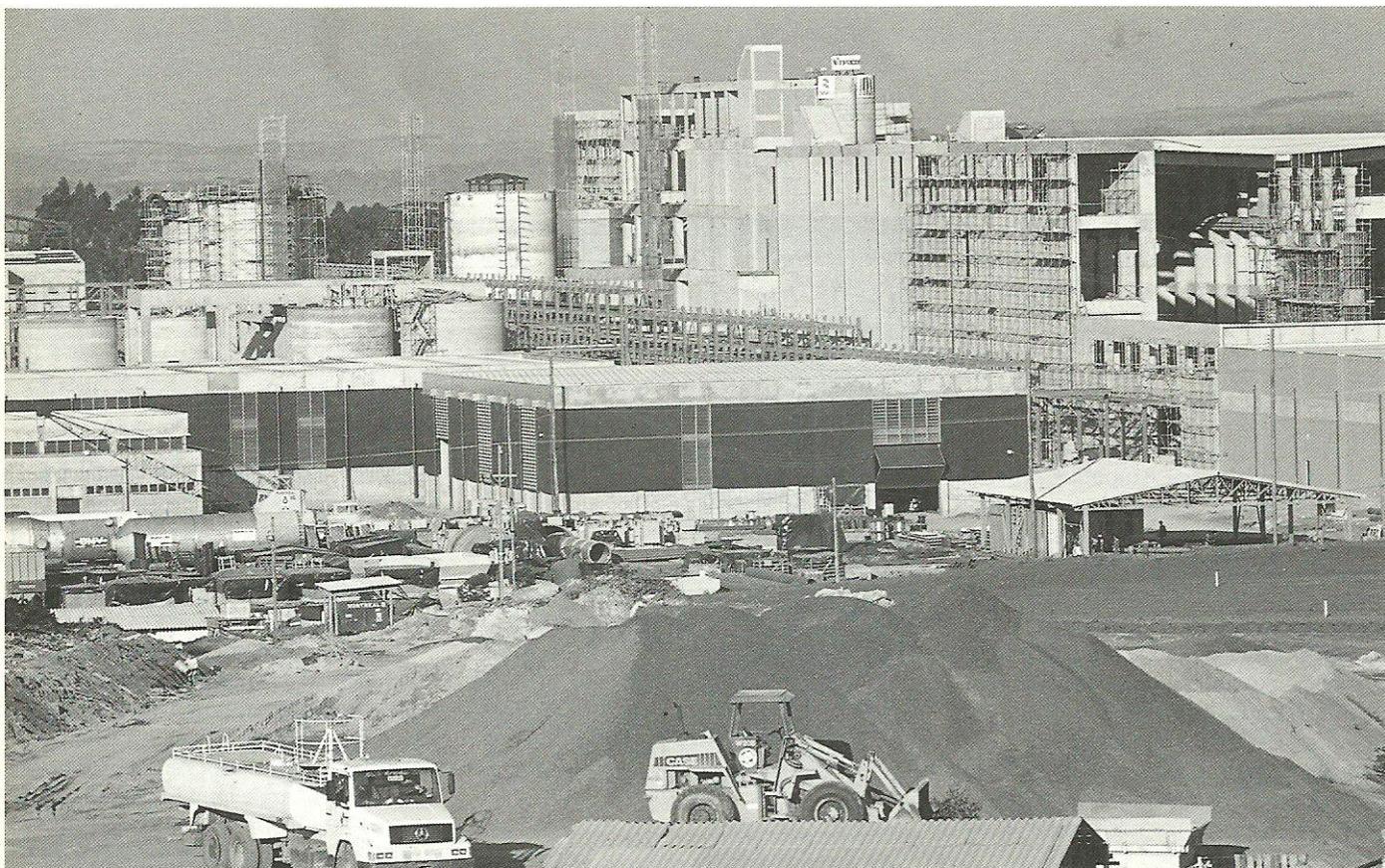
Segundo Eugênio Nardelli Rosi, diretor comercial da empresa, se todas as previsões se concretizarem, “estaremos em três anos entre as cinco melhores em produtividade do mundo; hoje temos a metade do número de homens por tonelada que tem a melhor fábrica do país”.

Esse projeto, que abrange cerca de 30 produtos, se caracteriza pela flexibilidade. A tendência, declara Rosi, “é nos fixarmos no papel que nos dará maior retorno econômico, mas vamos adaptar todo o processo produtivo às necessidades do mercado”.

A compra de um “coalter” veio confirmar e ampliar a decisão da empresa pela escolha deste tipo de papel e irá permitir que ela produza papel de qualidade similar aos apresentados no mercado internacional, concorrendo com igualdade de condição, esclarece ainda Rossi. Além disso, a empresa exporta 50% da sua produção.

## Investimento

O grupo Bamerindus investiu nesta obra US\$ 600 milhões, sendo 50% de recursos próprios e o restante financiado pelo BNDES. É o maior investimento feito por grupo privado no estado do Paraná, segundo o diretor presidente da empresa, José Carlos Gomes Carvalho. Com uma tradição de reflorestador, conta Carvalho, o grupo Bamerindus passou a aplicar mais recursos em florestamento mesmo antes do Governo Fiscal criar um programa de incentivos fiscais para esta área na década de 60. Hoje as 55 milhões de ár-▶



Instalações da Inpacel, uma das mais modernas do País

vores formam ao redor da Inpacel, uma área de 40 mil hectares de matéria-prima, que alimentará a fábrica pelo menos nos próximos 20 anos. O faturamento da Inpacel deverá atingir a soma de US\$ 207 milhões, com uma produção estimada de 200 mil toneladas/ano.

### Mão-de-obra especializada

Além da pasta de alto rendimento, a área de acabamento e de tratamento de influente zero, a Inpacel quer atuar em outros campos de inovação e se diferenciar das outras fábricas brasileiras, "Um deles é a qualidade de mão-de-obra", cita Dorigon. Para isso, a empresa investiu aproximadamente US\$ 5 milhões em treinamento, preparou 1700 pessoas e selecionou destas, 250. Alguns deles de nível elevado, enviados aos melhores mercados do exterior para treinamento na Europa e Canadá.

A preocupação da empresa com o lado social também é muito grande. Para se ter uma idéia do tamanho da obra, ao lado de Arapoti está sendo construída outra cidade, a cidade da Inpacel. Já estão

prontas 450 casas para os funcionários, gerentes, diretores, uma escola, um hotel, com capacidade para hospedar 400 pessoas e um Centro Cultural, com anfiteatro, além de uma área para recreação. A proximidade da vila residencial com a cidade de Arapoti faz parte de uma filosofia da empresa de proporcionar toda a infraestrutura para seus operários, muitos deles moradores da própria região. "Não queremos separar os funcionários da po-

pulação da cidade", diz Marco Antônio Dorigon.

A mesma filosofia foi adotada para a implantação de uma escola através de um convênio com o grupo de Ensino Positivo. A escola já possui 810 alunos, e a previsão para o próximo ano é que esse número atinja 1.100. O primeiro grau e jardim de infância já foram implantados e a meta para o próximo ano é lançar o segundo grau e o sistema de semi-interna-

Cidade Inpacel: moradia para funcionários



to, com duas horas adicionais de inglês e informática. Assim que a nova fábrica entrar em produção, a velha Inpacel será transformada na primeira Escola de Engenharia de Papel da América Latina, dedicando-se ao ensino dos trabalhadores que quiserem se familiarizar com o setor e aprofundar os seus conhecimentos, além da formação de pessoal técnico. Os técnicos vão aprender a explorar de forma racional a madeira pronta, em suas várias atividades, desde a serraria até papel e celulose. Uma formação bem diferente da de Engenharia Florestal, que visa o plantio da árvore e a utilização desse processo. Hoje, 90% do currículo está pronto e até o primeiro semestre de 1995 a escola deverá estar funcionando em Arapoti.

Para Dorigon, a empresa dá muito ênfase à área esportiva, e conta com a colaboração de 4 professores de educação física, que ministram aulas até mesmo de ginástica olímpica. Dentro de dois anos a empresa espera ser uma das campeãs nessa área. “Essa visão da área social é muito importante e tem sido gratificante”, diz Dorigon. Com isso, declara, tentamos difundir a cultura, através de um projeto integrado com a comunidade. A Associação Cultural Inpacel, faz parte deste projeto, e além de um teatro para 450 pessoas, conta com sala de música, de dança, biblioteca e outros.

### Divisas para o estado

Hoje a Inpacel tem duas hidrelétricas que suprem em 100% a necessidade de energia da antiga fábrica e já recebeu aprovação pelo BNDES para concessão de colaboração financeira para a implantação de três pequenas centrais hidrelétricas, localizadas nos Saltos de Cavalcanti, do Macaco e São João. O objetivo da empresa é ser em 10 anos auto-suficiente. Segundo Dorigon, os entraves na política de auto geração, pois o investidor privado está sujeito a determinadas normas não levou o projeto adiante. A energia comprada da concessionária por um determinado valor é depois vendida pela metade do preço. Só mesmo com essas mudanças, com as tarifas regionalizadas, e um sistema coerente de cobrança por parte das concessionárias, os problemas de energia serão solucionados, diz ele. Se ficar dependendo exclusivamente das empresas estatais, afirma, “vamos passar por um colapso de energia num espaço de tempo muito curto”. ■



José Carlos Gomes Carvalho (à direita) e Marco Antonio Dorigon

## RECRIANDO A MATA NATIVA

Quando for inaugurada a fábrica, será instalado um zoológico em Arapoti fazendo parte do Programa Integrado de Recuperação e Conservação de Ecossistemas Naturais, com o objetivo de conscientizar a comunidade no respeito à natureza. A Inpacel tem hoje 40 mil hectares de área de terra, 24 mil de área plantada, 16 mil hectares de outras áreas e 8 mil de mata nativa. Porém, mais que um zoológico, o PIRCEN — Programa Integrado de Recuperação e Conservação de Ecossistema Naturais — é um projeto ambientalista que a Inpacel está implantando em Arapoti. Ocupando 900 hectares da Fazenda Barra Mansa, uma área degradada quando foi adquirida pelo Grupo Bamerindus, promoverá a recuperação

e o repovoamento animal da região. Nos 900 hectares de mata nativa, será fortalecido o que ainda existe e revitalizado o restante. Marco Antônio Dorigon, conta que alguns animais que irão ocupar a reserva ambiental já estão escolhidos. É o caso de um casal de veados, de capivaras e de nutrias, que aguardam o traslado do zoológico de Curitiba. Daqui a quatro anos essa área — quando o animal já estiver acostumado ao habitat, será aberta à visitação pública.

É um projeto pioneiro, diz o diretor superintendente. “É a primeira vez que uma empresa contrata outra particular de consultoria ambiental para fazer esse tipo de trabalho”.

# RECEITUÁRIO COMPLETO CONTRA A CRISE

**A**s discussões para tirar o Brasil do atoleiro que nos últimos anos vem desperdiçando as energias do país ainda não renderam uma receita de sucesso econômico, mas têm mudado muito a vida dos seus interlocutores, principalmente daqueles que continuam com a mania de serem otimistas. Acreditar ou não acreditar no Brasil? reformar ou modernizar o Brasil? Foram essas as questões presentes nos corações e mentes dos brasileiros durante todo 1991. Às vésperas de um novo ano, quando muitos ainda procuram essas respostas, lideranças políticas, econômicas e artísticas procuram uma forma de evitar que o vírus do desânimo geral infeste de vez a nação. Mesmo sabendo que nem sempre ela vem cumprindo seu destino de uma prometida mãe gentil, a esperança é que ela não deixe nunca de ser a pátria amada.

## A marca do otimismo

Há mais de três anos que todas as noites a televisão paulista é invadida por políticos, empresários, estudiosos e artistas que se apresentam atendendo uma convocação explícita de positivismo: "Vamos sair da crise". Com mais de mil horas de gravações, o programa comandado pelo jornalista Alexandre Machado, na TV Gazeta, conseguiu se perpetuar, durante esse tempo, como espaço onde com bom humor e inteligência mais de 2 mil personalidades já compareceram para dar a sua receita de como tirar o Brasil do estado crônico de problemas.

Testemunha e mediador de debates com muitas das grandes personalidades nacionais e estrangeiras que se interessam pelos problemas brasileiros, o jornalista conta que durante os 900 programas que já foram colocados no ar, muitas vezes transformou a afirmação numa capciosa indagação: "Vamos mesmo sair da crise?". Mesmo rebatida por uns mais radicais ou arduamente discutida por outros

*Com mais de três anos diários do programa de televisão "Vamos sair da crise", o jornalista Alexandre Machado já entrevistou mais de duas mil personalidades, cada uma com sua receita de como tirar o Brasil do seu estado crônico de problemas.*

mais determinados, ele não lembra de alguém que tivesse sentenciado o país como um inevitavelmente perdido.

"O pensamento político brasileiro avança muito rápido. O que se vê é uma convergência de idéias que estão tentando eliminar falhas em questões fundamentais para o desenvolvimento do país como um todo", afirma Alexandre Machado com a sensibilidade de quem pilotou as entrevistas com os nomes mais representativos da economia, da política e das artes do país. "A crença de que o Brasil pode sair da crise político-econômica em que se encontra, com paz, embora com muito trabalho e mais alguns sacrifícios é o que apreendi de todos os que entrevistei independente da suas posições políticas e ideológicas".

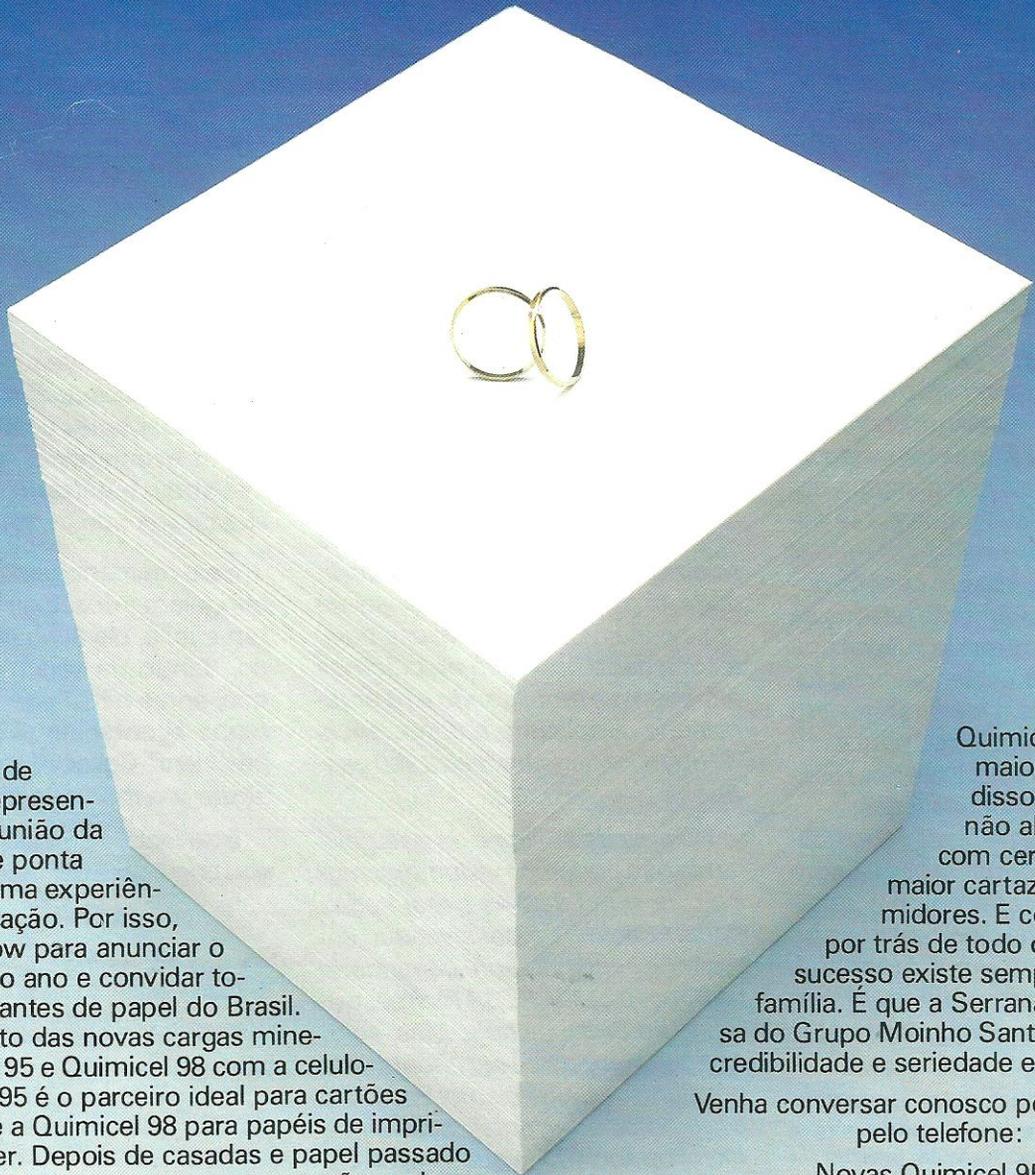
Alexandre Machado conta que em vários momentos da série de programas, a crise foi decretada como encerrada por políticos e economistas, o que ele lamenta não ter sido verdade suficiente para mudar o nome do programa e principalmente alterar a situação do país. "O programa se divide em duas fases: a primeira de uma série de 700 apresentados e a que vivemos agora com mais 200 colocados no ar, depois de um ano de intervalo. No último programa da primeira fase entrevistei a ex-Ministra Zélia Cardoso de Melo que afirmava ser a eleição do Presidente Collor e a colocação do seu programa em vigor o fim da crise brasileira. Quando voltamos, há 9 meses, convidei-a para o programa de reestréia e foi inevitável lhe perguntar como ela estava sentindo a crise. Ela não titubeou em responder que eu precisava mudar o nome do programa e aconselhou que o rebatizasse de "vamos reconstruir o Brasil". Sem dúvida foi uma contribuição.

Os melhores — Mesmo evitando relacionar os principais entrevistados, o jornalista não deixa de lembrar uma dúzia de nomes que na sua opinião sempre garantem grandes programas. "O problema dessas listas é que a gente sempre esquece de alguém, mas existem nomes como



Alexandre Machado, o colecionador das receitas

# CASAMENTO DE PAPEL PASSADO.



Há 60 anos a Serrana S.A. de Mineração representa a perfeita união da tecnologia de ponta com uma íntima experiência em mineração. Por isso, tem know-how para anunciar o casamento do ano e convidar todos os fabricantes de papel do Brasil. É o casamento das novas cargas minerais Quimicel 95 e Quimicel 98 com a celulose. Quimicel 95 é o parceiro ideal para cartões e cartolinas e a Quimicel 98 para papéis de imprimir e escrever. Depois de casadas e papel passado por todo processamento, as empresas vão poder produzir e oferecer os papéis mais brancos do mercado. Isso, porque as novas cargas minerais Quimicel 95 e

Quimicel 98 são as de maior alvura. E além disso, são atóxicas e não abrasivas, o que, com certeza, vai fazer o maior cartaz com os consumidores. E como você sabe, por trás de todo o casamento de sucesso existe sempre uma grande família. É que a Serrana é uma empresa do Grupo Moinho Santista, garantia de credibilidade e seriedade em tudo que faz.

Venha conversar conosco pessoalmente ou pelo telefone: (011) 545-3113.

Novas Quimicel 95 e Quimicel 98. As cargas minerais de maior alvura no mercado.

 **Serrana SA de Mineração**

Associada à SA Moinho Santista Indústrias Gerais



Delfin Neto, José Serra, Aluizio Mercadante, Fernando de Moraes, Aluizio Nunes Ferreira, Hélio Jaguaribe, Ciro Gomes, Aluizio Azevedo, Francisco Weffort, Luís Gonzaga Belluzzo, Experidião Amim e Inácio Rangel, que sempre superaram as expectativas". Quando se pede para destacar uma mulher o entrevistador não demora em indicar a Prefeita Luiza Erundina: "Ela é um exemplo típico de uma personalidade que chega aos bastidores de uma televisão bastante tímida e que no ar se solta e faz um grande programa. Acho que ela sabe do respeito que tenho por ela e da seriedade com que tratamos todos que participam do programa".

Alexandre Machado diz que embora o critério de convite da sua produção sempre leve em conta pessoas que pos-

sam contribuir, devido às funções que exercem, para qualificar uma discussão, muitas causam surpresas e cativam todos os envolvidos com o programa. "Um caso recente foi a participação do Arnaldo Jabor. ele surpreendeu e ficamos todos apaixonados".

A chamada que acabou por batizar o programa e que curiosamente nasceu de uma frase do ex-presidente da Fundação Casper Líbero, Jorge da Cunha Lima para debelar uma crise interna na emissora causada na época pela saída do jornalista Ferreira Neto, virou jargão nos discursos e pronunciamentos de todos que procuram vislumbrar dias melhores. Isso é motivo de orgulho para Alexandre Machado que aos 46 anos de idade e 27 de jornalismo já acumulou experiências como editor de economia de várias publi-

cações importantes com Veja, Gazeta Mercantil, Exame, Playboy, Abril Vídeo, Jornal da Tarde, além de ter sido durante um ano assessor de imprensa do economista João Sayad, quando ele estava à frente do Ministério do Planejamento.

"O que sinto no contato com as pessoas que entrevisto, sendo que muitas delas estão em postos fundamentais na organização do país, é que chegamos no fundo do poço econômico mas que ainda estamos muito longe do fundo do poço emocional. Isso é o que nos garante o começar de novo. Como jornalista a minha contribuição é oferecer um espaço de discussão sem preconceitos e sem que as minhas convicções políticas tenham qualquer interferência", conclui Alexandre Machado.

## DEZOITO CAMINHOS PARA A SAÍDA

Começa a haver por parte do governo um posicionamento razoavelmente claro da realidade brasileira. Historicamente, não se tem visto tal posição, mas talvez o discurso devesse ser mais claro, que ele se declarasse concordatário.

Mas, no congresso, o cenário político onde efetivamente deveria se dar o debate da questão, parece que seus integrantes estão querendo fugir da realidade. Devemos ter em mente que a única saída para a crise é o debate amplo. E ele nos mostrará que temos duas saídas:

A primeira se dá no cenário político; a outra alternativa ocorre com a deterioração total, como aconteceu na Argentina. Temos a possibilidade de não repetir a Argentina. Para isso é necessário fazer um ajuste fiscal, um acerto das contas do Governo.

• **Jorge Gerdau Johannpetter** - Empresário-Presidente do Grupo Siderúrgico Gerdau e da Associação das Siderúrgicas Privadas.



*O ano de 1991 foi difícil, a crise se aprofundou e atingiu a credibilidade do governo federal. Apesar da crise e até mesmo por causa dela, a sociedade brasileira nos últimos anos vem se mobilizando e se organizando, ampliando a consciência de que é responsável pelos seu destino.*

*Na área de ensino e da pesquisa ainda não podemos vislumbrar mudanças significativas e resultados concretos, mas é possível que estejamos iniciando uma caminhada na direção certa. Não é fácil ser otimista no Brasil de hoje. Mas, solução alguma poderá ser encontrada em clima de pessimismo. Em 1992 esperamos uma mobilização ainda maior da sociedade que sirva de começo para apontar as saídas para tirar o país da crise que está vivendo".*

**Roberto Leal Lobo e Silva Filho** — Reitor da Universidade de São Paulo

A minha receita para o Brasil sair da crise é acabar com todas as receitas. Dar férias coletivas para todos os economistas, e para alguns ministros, e deixar a economia se ajustar por sua conta e risco.

Se o mercado perder o medo de congelamentos, e de uma nova intervenção, ele acabará se ajustando, dentro de seis meses, ou um ano, antes não. Pena que isso não tenha acontecido já na posse do presidente Collor. Já teríamos a esta altura um mercado ajustado.

E no mais, é preciso, ...não, daí eu vou começar a dar receita, e daí não vale.

• **Joelmir Beting** - Jornalista - Colunista de Economia do "O Estado de São Paulo".



*A solução das nossas dificuldades está fundamentada na organização da sociedade brasileira. Não cabem mais soluções mágicas. A solução está na participação de cada um, na ação dos grupos organi-*

zados, que façam com que todos sejam ouvidos. Essa organização deve se dar em todos os níveis, seja na Associação dos Amigos do Bairro, seja na Associação de Pais e Mestres, seja nos partidos ou entidades de classe.

Enquanto isso não ocorrer, enquanto a sociedade não estiver representada, será difícil ela dizer o que quer. Mas, quando ela se organizar, abandonando o comodismo e acabando naturalmente com a política de tirar vantagens em tudo, imediatamente chegaremos aos resultados. A sociedade, então, poderá dizer que basta de tantos impostos para sanear os gastos do governo, poderá exigir um Estado mais eficiente e menor. Em uma frase: A solução está no trabalho de cada um em função do bem comum, organizado para o bem da sociedade.

- **Fernando Ulhôa Levy** - Presidente do Instituto Liberal de São Paulo.



Não existe fórmula, se houvesse receita já estava sendo usada. Mas, há um consenso, todos concordam que a crise é política. O governo precisa do Congresso e não tem saída. O governo necessita do apoio dos parlamentares para aprovar as medidas que precisa tomar, como as mudanças na Constituição.

Apesar de não existir uma receita pronta, podemos nos mirar no exemplo de nossos vizinhos da América Latina. O Brasil está ficando por último na solução da crise. Todos os países já estão solucionando seus problemas e nós estamos ficando para trás.

Quando falo na solução da crise, estou pensando em um programa a longo prazo, em três a cinco anos, o que significa que ainda vamos pagar essa conta e vai sair caro.

É importante destacar que não há fórmula, é uma situação complicada,

de, devemos nos mirar nos exemplos da América Latina e a solução é política.

- **Lilian Witte Fibe** - Jornalista - Comentarista de Economia do SBT.



A crise na educação tem duas componentes: uma delas refere-se à escola fundamental, uma vez que atingimos a situação invejável de termos salas de aula e professores para todos os integrantes, mas não termos tido a capacidade de mantê-los na escola por causa do enorme índice de evasão.

Isso pode ser resolvido redirecionando os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação — FNDE, originários do salário-educação, que têm sido usados para construir prédios escolares e não para atender aos programas de recursos humanos, isto é, de treinamento dos professores e de seus salários.

Na área do ensino superior, o que há é um inchaço das universidades federais e uma exacerbação das reivindicações salariais dos professores e funcionários, que, uma vez redirecionadas, poderiam permitir um bom funcionamento do sistema de ensino superior e pesquisa no Brasil.

- **José Goldemberg** - Ministro da Educação.



Para o sindicalista o Brasil tem tudo para dar certo, mas falta esforços conjuntos para encaminhá-lo no rumo da modernidade: "Perdemos, por incapacidade gerencial, toda a década de 80, e estamos ameaçados de perder mais uma. Tenho esperança, porém, de que sa-

beremos sair desta crise. Para sair dela, é preciso, primeiro um entendimento político. Pacto, acordo, não importa o nome que tenha, contanto que faça todos entenderem que formas estruturais são imprescindíveis para que o país possa sair do atraso e ingressar, verdadeiramente na modernidade".

As reformas na administração pública não podem mais serem adiadas, na opinião de Medeiros, que prega que o próximo ano começa com as pessoas realmente preocupadas com estas questões: "Precisamos diminuir o tamanho do Estado, fazer uma reforma agrária, modernizar as relações no campo, fazer urgente uma reforma tributária e fiscal, abrir nossa economia, acabar com os cartéis e monopólios e fazer uma reforma partidária eleitoral. Sem isso, não encontraremos nosso caminho".

- Luiz Antônio de Medeiros** - presidente da Força Sindical.



A saída para a crise está no restabelecimento da credibilidade do governo, no controle do déficit público e na liberalização da economia com o máximo de abertura para o exterior.

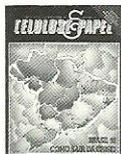
O restabelecimento da credibilidade e o afastamento da ameaça de pacotes e choques irão fazer com que os agentes econômicos não corram atrás de uma inflação mensal por eles mesmos projetada.

Essa confiança também é o começo do retorno do Brasil à comunidade financeira internacional. Mas isso tem de passar pela assinatura da carta de intenção com o FMI e o acordo com os bancos credores.

Hoje, bancos e empresários externos se recusam a investir no Brasil, temerosos de novas alterações bruscas e preocupados com a deterioração da economia.

*Finalmente — quase que coroa-  
do tudo isso — está o controle do  
déficit público, ainda a causa bási-  
ca da inflação. Isso somente será  
possível com a reforma tributária,  
que permitirá aumentar a receita, e  
com a reforma constitucional, sem  
o que o governo não poderá fazer  
o corte nos gastos a que se propôs.*

• **Alberto Tamer** - Editorialista econômico  
do "O Estado de São Paulo" e comentarista  
do SBT.



Para o dirigente do setor bancário, 1991 pode ser gravado como um dos anos mais difíceis vividos no Brasil, nos últimos tempos, devido à forte recessão que atingiu o país e o setor financeiro em particular: "Estamos saindo de um ano excepcionalmente difícil, mas acredito que se houver, de agora em diante, equilíbrio nas contas públicas e boa gestão de política monetária e boa gestão de política monetária o processo inflacionário se reverterá, dando aos agentes econômicos condições de ampliar suas atividades. Essa mudança política depende de uma articulação objetiva do Governo Federal, do Congresso, dos Governos Estaduais e Municipais. Enquanto não houver ação política nesse sentido continuaremos convivendo com esse cenário".

**Alcides Tápia** — presidente da Febraban — Federação Brasileira dos Bancos.



*Vejo luz no fim do túnel, mas o caminho para chegar a ela passa pelo entendimento político. No plano geral, a política monetária não pode atuar desatrelada da política fiscal. É preciso também equacionar o problema da dívida externa, dar estabilidade às regras econômicas e resolver os problemas de excesso de tributação e elevados custos por-*

*tuários. E, sobretudo, acabar com os sócios da inflação que tiram vantagens da situação atual porque a cultura inflacionária está impregnada nas pessoas. Finalmente, precisamos agir e não ceder ao conformismo com a estagnação nem com a decadência das instituições estatais que minam a economia já erodida pela inflação e pelo repasse da renda nacional.*

• **Marcus Vinícius Pratini de Moraes**  
- Presidente da AEB — Associação de  
Comércio Exterior do Brasil.



A saída está no trabalho. Trabalho mais e melhor. Todas as indicações para o primeiro semestre de 92 são de um mercado estreito como o atual. Isso significa muita disputa por um mesmo espaço e quem não tiver forças será expulso. Quem garantir seu pedaço vai atravessar a zona de turbulência e ganhar bons dividendos na hora da reativação da economia. Recomendaria uma receita simples para essa fase de dificuldades: atenção redobrada nos custos, avaliação cuidadosa do que comprar, fuga do endividamento e racionalização de todos os processos de trabalho. Quem agir assim vai confirmar que é durante a crise que surgem as boas oportunidades de ganhar dinheiro.

• **Abram Szajman** - Presidente da  
Federação do Comércio.



*Eu acredito que se pode sair da crise, sim, e a minha receita é trabalho e mais trabalho. Nosso problema é ter acreditado que bastava eleger um presidente da República em eleição direta e tudo se resolveria. Não é bem assim e ainda vai ter de piorar antes de melhorar. Ainda*

*precisa piorar mais um pouco para dar um choque nesse pessoal, a turma ainda está brincando.*

O lado bom do que estamos vivendo é que está havendo uma conscientização por parte dos congressistas, dos empresários e dos trabalhadores a respeito dos reais problemas do Brasil. O povo tem de começar a entender que não pode gastar mais dinheiro do que ganha e isso vale para o governo, para as empresas e para as pessoas. Precisamos modernizar o parque industrial e precisamos de capital externo, porque dinheiro não tem cor, aprender isso faz parte da receita para sair da crise.

E precisamos também acabar com os monopólios estatais. A Argentina, o Peru, o México e a Venezuela estão acabando com os monopólios, nós temos de fazer o mesmo.

• **Ronaldo Guedes Pereira** -  
Empresário - Diretor-superintendente  
da Champion Papel e Celulose.



A primeira delas é a criatividade. É preciso pensar soluções novas para os problemas, à medida que vão acontecendo, sem grande preocupação com o perfeccionismo. Não estou preconizando a improvisação. O que quero é que as idéias se desdobrem, na sua execução, em outras idéias, e as imperfeições vão sendo corrigidas e os acertos aperfeiçoados.

A simplicidade é outro caminho. Soluções sofisticadas para os problemas normalmente complicam as situações, em vez de ir diretamente ao âmago das questões.

Soluções locais para a crise. A crise global dos problemas das cidades é uma soma de crises locais. A única maneira de enfrentá-la é com soluções locais, do tipo do desenvolvimento auto-sustentado.

• **Jaime Lerner** - Prefeito de Curitiba.

*Chegamos a um ponto onde esgota-se a elasticidade e a crise parece aprofundar-se. Só o grito de indignação não põe fim ao problema econômico, que se avulta como questão crucial sepultando as esperanças de retomada do crescimento. O que é mister nessa virada de ano é a recuperação da credibilidade perdida a nível interno e externo. Tratar a sociedade com respeito e promover as ações do Estado mediante um conjunto de regras claras, transparentes e duradouras. Se isso ocorrer, paralelamente a exemplos severos contra a prática da corrupção, será possível reverter o quadro criando um meio ambiente propício à retomada do crescimento pela qual a Nação reclama.*

*Se não erigirmos as bases certas em 92, corremos o risco de atravessar o milênio no quarto mundo.*

• **Jamil Nicolau Aun** - Presidente do Sindicato da Indústria de Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo.



Não é indispensável virar a mesa para que o Brasil se projete, como bem merece, no desenvolvimento que todas as nações do Primeiro Mundo estão atingindo.

Atravessamos situações difíceis. Decorrentes de todos os planos econômicos por nós conhecidas, cujas sequelas resultaram no pessimismo que hoje nos cerca.

Na verdade, temos de deixar de lado, imediatamente, a lei de Gerson, que até hoje vem conduzindo grande parte dos brasileiros.

Se todos nós, desde as classes mais privilegiadas àquelas mais carentes, respeitarmos uns aos outros, e desenvolvermos um trabalho honesto e produtivo, passaremos a educar nossos filhos com a exata noção de responsabilidade/honestidade.

Assim teremos evitado virar a mesa, pois não será pelos extremos

da violência ou do paternalismo que o País mudará para melhor, mas sim pela consciência de cada um de nós e passando a fazer as coisas certas, respeitando aquela tão antiga frase centrada em nossa bandeira — Ordem e Progresso.

• **Mário Parmigiani Jenschke** - Presidente da Associação Brasileira do Papelão Ondulado.



*São visíveis os sinais de que buscamos avançar para efetivar a inserção do Brasil na economia internacional e esse é o caminho. Mas houve muitos obstáculos impostos na sucessão de planos para correção de rumos que não deram certo e esse propósito está num processo de lentidão prática que se contrapõe à retórica da abertura. Por isso impõe-se acelerar a desregulamentação, não mexer nas regras do jogo que devem ser claras e duradouras, estabelecendo as condições para uma nova arrancada na qual a iniciativa privada possa tomar, sem obstruções governamentais, as rédeas de um novo período de crescimento. E é preciso que isso ocorra, pois não podemos nos habituar a períodos prolongados de recessão.*

• **Horácio Cherkassky** - Presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.



Após vinte meses de governo Collor, o Brasil se mantém num quadro de agravamento da crise. Nenhuma promessa de campanha foi viabilizada e a distância entre os atos e as palavras oficiais é muito grande.

A renda se concentrou ainda mais e a sociedade como um todo empobreceu. Estamos portanto falando de crise, num país onde 40%

da população está abaixo da chamada linha da pobreza.

Saúde, Educação, Moradia, Transporte não são tratados como deveres pelo Estado e hoje são um privilégio da minoria da população.

Para sair da crise são necessárias as seguintes pré-condições:

a) Recuperação urgente, honesta e amplamente do poder de compra do salário e conseqüente fortalecimento do mercado interno. Há vinte anos 53% do PIB destinava-se à conta de salários e hoje só 27% fica com salários.

b) Eliminação da interferência do Estado na economia, em especial na atividade produtiva.

c) Empresários, trabalhadores e parlamentares devem iniciar de baixo para cima, através de fóruns de ampla consulta, debates regionais e setoriais que balizem com representatividade qualquer entendimento nacional.

• **Geraldo Cândido Moraes** - Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça de São Paulo.



*O modelo exportador mostrou-se a melhor alavanca para o crescimento e a prosperidade e nós precisamos retomá-lo para alcançar as florescentes economias que por ele optam e evoluíram. É através da exportação que podemos gerar 70 mil empregos por bilhão de dólares vendidos, conquistar tecnologias e beneficiar, com produtos modernos, o consumidor interno. Claro que, para essa retomada que vai impulsionar o crescimento, precisamos retirar os entraves internos ao nosso poder de competitividade, com excesso de tributação e elevados custos portuários e de fretes e estabelecer regras claras e permanentes que permitam ao empresário programações de longo prazo.*

• **Laerte Setúbal Filho** - Membro do Conselho de Comércio Exterior da Fiesp.

# RECEITA DE SÃO PAULO PARA VENCER A CRISE



**Q**uem, em sã consciência, pode dormir tranqüilo diante do fantasma de um milhão de desempregados compulsoriamente, apenas na Grande São Paulo? A pergunta foi lançada pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho para centenas de empresários, representantes da comunidade científica e da sociedade civil, na 1ª Plenária do Fórum Paulista de Desenvolvimento, no dia 1º de maio deste ano. Para combater os efeitos perversos da recessão, definiu-se então o caminho de oferecer “estímulos aos empreendedores privados”, objetivando “a criação de um número máximo de empregos, mediante abertura e expansão de empresas, nos mais diversos setores produtivos”.

O estudo de alternativas para promover a retomada do crescimento econômico no Estado começou a ser feito por 13 grupos temáticos: Alteração da Matriz Energética; Programa Habitacional; Jovens Empresários; Promoção de Exportação; Desregulamentação; Financiamento de Projetos de Infra-Estrutura pelo Setor Privado; Turismo; Agro Indústria; Informatização da Justiça; Privatização de Empresas e Concessão de Serviços Públicos; Modernização Empresarial e Utilização de Microinformática; Portos e Hidrovias; e Integração Tecnológica — Universidade e Setor Produtivo. Com uma média de oito integrantes cada, esses grupos de trabalho reúnem figuras expressivas do empresariado, como Antônio Ermírio de Moraes, Mário Amato, Lázaro de Melo Brandão, José Mindlin, Olacyr de Moraes, Flávio Telles de Menezes, Abram Szajman e Leo Wallace Cochrane Jr.; consultores como Antoninho Marmo Trevisan e Laerte Setúbal; os reitores Roberto Leal Lobo e Silva Filho, Carlos Vogt e Paulo Milton Barbosa Landin; os juristas Dinio de Santis Garcia, Antônio Correa Meyer, Renato Martins Costa e Celso Cunha Mori etc.

Além disso, foram instalados Fóruns Regionais de Desenvolvimento em loca-

---

*O Fórum Paulista de Desenvolvimento criou um canal de entendimento entre empresários e autoridades estaduais e municipais, visando a viabilização de projetos e medidas capazes de alavancar a retomada do crescimento econômico.*

---

lidades do Interior, sempre com o objetivo de criar canais de entendimento entre o empresariado e as autoridades estaduais e municipais, visando o estabelecimento de parcerias que permitam viabilizar novos empreendimentos.

## **Criados mais de 55 mil empregos**

O balanço dos seis primeiros meses de atuação do Fórum — período dedicado mais ao estudo e lançamento de projetos e medidas — já revela a criação de mais de 55 mil empregos. O número é expressivo, principalmente se for levado em conta que a grande maioria dos empreendimentos ainda está para ter sua implementação iniciada. E o governo está convicto de que, quando tudo isso amadurecer, será suficiente para reverter a assustadora queda do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços arrecadado no Estado (de janeiro a outubro, a receita foi 10,7% inferior à de 1990, significando uma perda acumulada de US\$ 2,175 bilhões). Assim, todas as projeções da Secretaria da Fazenda são de que em 1992

se voltará aos níveis de arrecadação de 1990, até superando-os.

Entre as medidas já adotadas, destacam-se a redução do ICMS em várias atividades e circunstâncias, para incentivar setores que enfrentavam dificuldades para expandir-se ou modernizar-se, ou igualando benefícios concedidos a concorrentes de outros Estados; linhas de crédito para apoiar a atualização de equipamentos, a ampliação ou realocação das instalações industriais, para os pequenos, micro e médios empresários, os produtores rurais etc.; o incentivo à reciclagem e desenvolvimento profissional dos trabalhadores desempregados; a modernização, ampliação e renovação do transporte coletivo; a modernização da gestão empresarial; a agilização de trâmites burocrático-administrativos, o aumento da produtividade agrícola, com a recuperação e reativação de institutos de pesquisa e o estímulo ao uso do calcário.

Na viagem que realizou aos Estados Unidos no início de outubro, o governador conseguiu uma linha de crédito de US\$ 100 milhões para uma nova forma de parceria idealizada pelo Fórum: a do Estado com a iniciativa privada em projetos de investimentos em infra-estrutura e serviços públicos. Para tanto, foi criada a Companhia Paulista de Desenvolvimento, que vai captar recursos no Exterior, diretamente para empresas privadas, entrando o Estado com uma contrapartida nos investimentos assim viabilizados.

O sucesso do Fórum Paulista de Desenvolvimento já está inspirando iniciativas semelhantes em Santa Catarina, Pernambuco e Ceará. E entre as propostas que o Pensamento Nacional das Bases Empresariais entregará ao presidente Fernando Collor e ao Congresso Nacional, para superação da crise econômica nacional, está a “instalação de Fóruns Estaduais e Municipais de Desenvolvimento em todos os Estados e municípios, a exemplo do que já existe em São Paulo, a fim de viabilizar propostas e soluções regionais”. ■

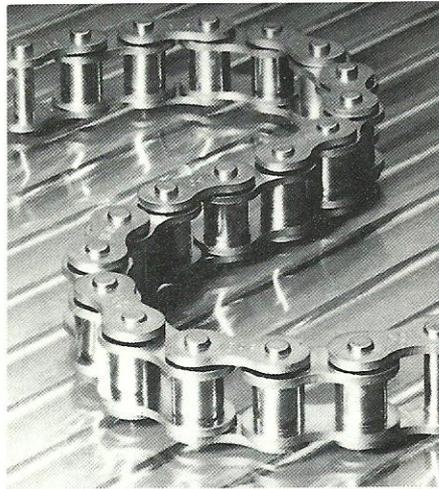
# CORRENTES, A TECNOLOGIA QUE MOVIMENTA A PRODUÇÃO

Os fluxos de movimentos na linha de produção, desde a entrada de matérias-primas até a saída do produto final, dependem em grande parte de um equipamento-chave, as correntes industriais. Para garantir a precisão desses deslocamentos de materiais, diversas indústrias se empenham em eficiência, aprimoramento técnico e busca constante de qualidade. A evolução tecnológica das correntes industriais é fundamental para acompanhar a necessidade de reduzir tempos de produção e consequentemente os custos.

Uma das mais tradicionais empresas do ramo, atuando no País desde 1919, é a Faço — Fábrica de Aço Paulista. Tendo passado ao longo de seus 72 anos por uma série de modificações, hoje ela é controlada pelo grupo sueco Allis Mineral Systems, que ocupa a liderança mundial na fabricação de sistemas e equipamentos de processamento de minerais e de manuseio de materiais. A Faço é uma das maiores unidades industriais do grupo e possui uma fábrica de equipamentos e uma de fundição de aço, localizadas em Sorocaba-SP. A linha de produtos é extensa e conta com aproximadamente 400 itens, com mais de 1600 variações.

Para as indústrias de papel e celulose, a empresa fornece os seguintes tipos de sistemas e equipamentos: fornos de lama de cal, pátios de estocagem de toras, transportadores de correia, sistemas de empilhamento e retomada de cavacos, elevadores de canecas, bombas centrífugas, válvulas borboleta, posicionamento de vagões, transportadores de corrente, britadores e componentes para esses equipamentos.

Além do segmento de papel e celulose, a Faço atua também nas áreas de mi-



neração, construção civil, saneamento, álcool e açúcar, cimento, fertilizantes, portos e outros. Ela conta também com divisões de montagens industriais, reformas de máquinas e manutenção industrial.

Segundo o gerente de marketing e vendas da empresa, Eduardo Kubrick, a linha de correntes transportadoras Faço é composta pelo tipo XHC de pinos e placas, o tipo Long Link de elos planos e o tipo RG de pinos. A tecnologia utilizada é originária da Esco Corporation (EUA), uma das mais renomadas empresas internacionais produtoras de aços resistentes ao impacto e ao desgaste. O projeto inédito da 480-RG trouxe características inovadoras a essa série de correntes.

A união dos elos é feita por pinos de pequeno comprimento, muito mais simples e de menor custo que os longos pinos convencionais forjados, sujeitos a grandes empenamentos e consequentemente quebras.

## Novas exigências

Atendendo às exigências do mercado externo, já em 1990 iniciou a introdução da norma de qualidade ISO 9000 e até o final de 92 deverá ocorrer o término da implantação dos procedimentos em to-

dos os níveis da empresa. Kubrick informa que 75% da produção de correntes da Faço são destinadas ao consumo interno, enquanto os restantes 25% vão para o mercado externo. Exporta principalmente para a América Latina, Estados Unidos e Suécia. A filosofia de trabalho da empresa para superar o período de crise que o País atravessa é aumentar a produtividade e concentrar todos os esforços para exportar cada vez mais seus produtos.

## Ibaf, aposta na qualidade

A tecnologia desenvolvida por 71 anos pelas correntes Ibaf é largamente utilizada nas empresas de papel e celulose. Segundo o diretor-presidente da empresa, Waldyr Bráulio, a preocupação da Ibaf com a qualidade, aliada à tecnologia, tem sido uma constante. Ela mantém seu padrão de qualidade desde a seleção e qualificação de fornecedores, matérias-primas e insumos para a produção. Apenas os fornecedores capazes de atender às rígidas exigências técnicas de compras impostas pela Ibaf integram o grupo de indústrias que fornecem matérias-primas utilizadas na produção de correntes, taliscas e rodas dentadas, comenta Bráulio.

De acordo com Pedro Negreti, gerente de planejamento e controle de produção, a preocupação maior da empresa é buscar uma melhor produtividade e um incremento na qualidade, através do treinamento de pessoal, reciclagem de processos de fabricação em todas as suas etapas, incluindo a melhoria de lay-out fabril, redução de tempo de set-up das máquinas, equipamentos e investimento em novas tecnologias, que permitam traba-▶



*Informatização em rede: maior produtividade*



*Produção de correntes para diversos setores industriais*

lhar a qualidade dos produtos de forma segura e compatível com as necessidades dos consumidores finais.

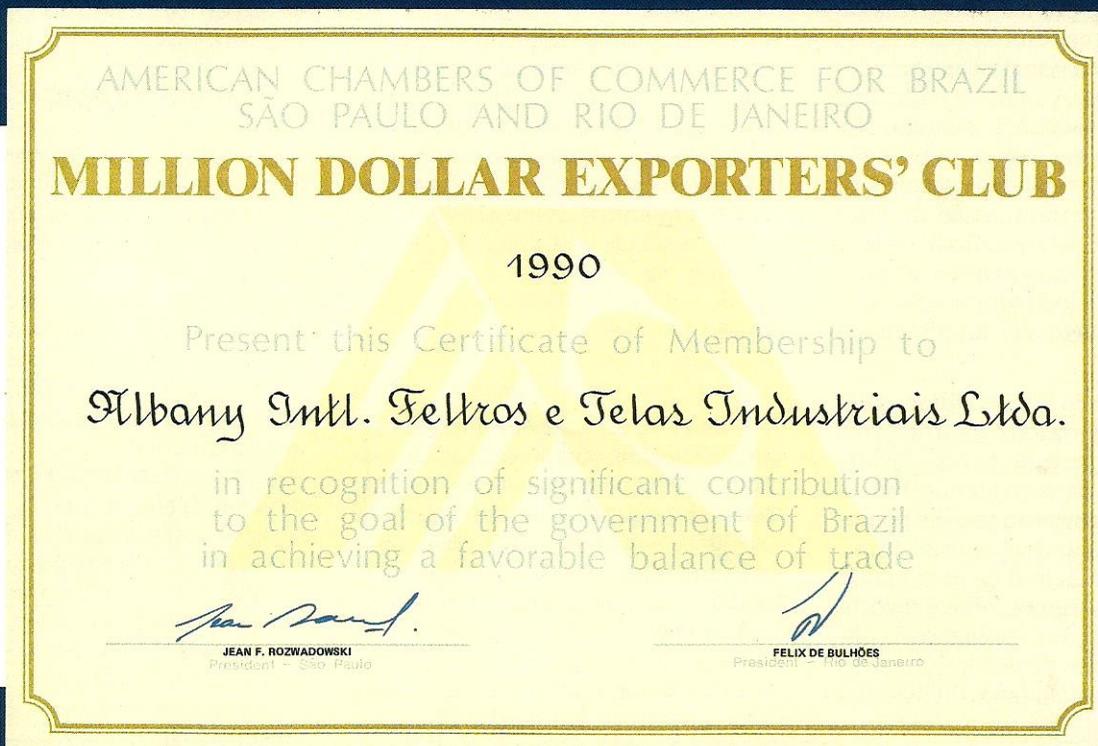
Entre os processos desenvolvidos e utilizados na produção está o forjamento e extrusão a frio, aquecimento indutivo localizado, estampagem progressiva e deep-drawing. Outras operações de aquecimento e resfriamento sob condições controladas de temperatura, tempo, atmosfera e resfriamento — tratamento térmico —, a que são submetidos todos os componentes fabricados, têm por objetivo o aumento ou diminuição da dureza, aumento da resistência ao desgaste, à fadiga ou à corrosão.

As reformas, quando necessárias, são executadas dentro do mesmo conceito de fabricação, ocorrendo a desmontagem ▶



*Correntes especiais para transporte de cavacos*

# A TÍTULO DE QUALIDADE, A ALBANY-BRASIL CHEGOU LÁ.



**N**ão poderia ser diferente.

A Albany-Brasil também adotou o processo de "Qualidade Total Assegurada" e garantiu aos seus produtos o mesmo nível dos produzidos no exterior.

Com isso, não só pode atender às exigências sempre crescentes do mercado interno, como também aumentar sua capacidade competitiva no exterior.

Trabalhando com alto nível de qualidade a Albany Brasil alcançou fama internacional e entrou para o Million Dollar Exporters' Club. Exportando seus produtos para a Austrália, Inglaterra, África do Sul, Estados Unidos, Suécia, Singapura, Indonésia, Taiwan, Malásia, entre outros.

Uma conquista gratificante para quem trabalha em equipe, com profissionalismo e voltado para a satisfação plena de seus clientes. Além de tudo isso, fazer parte do Million Dollar Exporters' Club, confere aos produtos da Albany International do Brasil, mais um título de qualidade.

**ALBANY**  
INTERNATIONAL

de toda a corrente em prensas específicas e reclassificação dimensional, o que permitirá uma montagem segura como se a corrente tivesse sido fabricada novamente. Dentre os produtos comercializados pela Ibafe, a corrente de transmissão de rolo — Norma Asa (Roller Chain) — merece destaque. A empresa implantou uma unidade de fabricação para esse produto. Para Spencer Roney, responsável pelo controle de qualidade, trata-se de uma corrente de transmissão de força com características específicas, onde se utiliza aço nobre tratado termicamente, processado e montado com tecnologia de alto nível em máquinas importadas da Alemanha.

Acompanhando a inovação tecnológica, a empresa projetou e construiu uma máquina de forjamento a frio. Novidade na indústria de correntes do País, o processo de forjamento a frio, em termos de qualidade, reduz o sobremetal de usinagem, aproximando-o da peça final e, em termos de estrutura, obtém uma fibragem contínua. Em consequência disso se obtém ganho de prelo, agilidade e principalmente qualidade, finaliza Roney.

## Promac busca liderança

Outra fabricante, a Promac Correntes e Equipamentos, localizada há cinco anos em Sumaré-SP, está instalada em uma área de 8.000 m<sup>2</sup>. A empresa tem um projeto de levantar uma nova unidade, quase ao lado da atual, com 25.000 m<sup>2</sup> e que deverá estar concluída até o final de 1992. A segunda fase ficará pronta em 1993, com novo lay-out que será organizado com produção em células, com alto nível de informatização em rede, em todos os setores e em processos de just-in-time e MRP. Suas duas unidades estão voltadas para a fabricação de 6.000 itens de correntes transportadoras aproximadamente, para os diversos segmentos do mercado.

Segundo Pedro Evandro Seleghein, diretor de pesquisas e desenvolvimento, a tecnologia adotada pela empresa está baseada em modernas máquinas e equipamentos, controlados por "CNC" (Controles Numéricos Computadorizados). O objetivo é atingir o melhor padrão existente em estudos, através de "CAD" e

"CAM", até poder apresentar a melhor solução ao cliente. Dessa forma, os produtos são fabricados com acompanhamento de controle até a montagem final, diz Seleghein.

A Promac, além da indústria de papel e celulose, atua nas áreas alimentícia, bebidas, mineração, cítricos, sucroalcooleira, adubos, produtos químicos e petroquímicos, alumínio e outros. Utiliza o apoio de laboratórios de ensaio mecânicos e químicos, como a UNICAMP — Universidade de Campinas, IPT — Instituto de Pesquisas Tecnológicas, TORC — Controle Tecnológico de Materiais Ltda, Copersucar — Cooperativa Central de Produtos de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo.

A linha de correntes da Promac, segundo Seleghein, compreende as correntes de encaixe, compostas por elos fundidos e empregadas em transmissões com velocidade baixa e moderada e máquinas agrícolas. Além dessas há as correntes fundidas, correntes combinadas, também compostas por elos fundidos, correntes forjadas, empregadas em transmissão, em transportadores e em elevadores de canecas, nas diversas áreas industriais. E, ainda, as correntes soldadas, derivadas das correntes combinadas, porém possuindo no lugar dos elos fundidos, elos fabricados em aço carbono estampados com buchas soldadas; correntes de dupla flexão, empregadas em transportadores em que haja necessidade de curvas laterais nas diversas áreas industriais; correntes de plataforma ou flat top e rodas dentadas, taliscas e correntes especiais.

Seleghein conta que cerca de 15% do faturamento da empresa é gerado exclusivamente em exportações para a América Latina, mas a meta da Promac é elevar esse percentual a 40% até 1992.

"Se estamos crescendo é para chegar em 1992 com 70% de participação no mercado", diz Alberto José Costa, diretor comercial da empresa, ou seja, conquistar o 1º lugar entre os fabricantes de correntes transportadoras. O crescimento foi considerado fundamental, já que não seria possível adaptar o lay-out existente aos planos de aumento de produção, com o uso das mais modernas técnicas.

A preocupação da empresa é continuar melhorando, treinando e desenvol-

vendo pessoal para oferecer produtos de qualidade aceitável no mundo inteiro, enfatiza Costa. "O que vai permitir atingir nossa meta e vencer, independentemente das dificuldades econômicas que o País atravessa."

## Rexnord acredita no futuro

A Rexnord Correntes, com fábrica em São Leopoldo (RS), conta com um moderno parque industrial e produz variada linha de correntes — dentro das normas ISO, ANSI, ABNT e API para diversos segmentos do mercado. Como subsidiária da Rexnord Corporation (EUA), a empresa conta com know-how desenvolvido e acumulado ao longo de 100 anos na fabricação, seleção e aplicação de correntes.

Para o gerente Fábio Fleck, o aprimoramento técnico constante, a rígida inspeção de matérias-primas, o controle de qualidade de cada etapa do processo produtivo e o tratamento térmico próprio são alguns dos processos que asseguram a qualidade dos produtos Rexnord.

No setor de papel e celulose, a empresa produz correntes para o transporte de toras, acionamento do descascador e para o transporte de cavacos. Com relação ao transporte de cavacos, ela está lançando no mercado a corrente WDH 480, com o objetivo de aumentar a eficiência desses transportadores ou ainda outros materiais. Fleck comenta que essa corrente adota um novo formato para a bucha, melhorando a função de arraste e permite uma distribuição mais uniforme da carga entre o pino da corrente e a superfície interna da bucha.

A nova bucha é formada por duas peças rigidamente soldadas em substituição ao tubo conformado, realizando uma ação de raspagem e evitando, assim, o avanço da corrente por cima do material transportado. A corrente WDH 480 tem todos os seus componentes tratados termicamente, o que garante uma alta resistência e durabilidade. O Departamento de Engenharia de Aplicação e Desenvolvimento atua na orientação correta da aplicação e manutenção da corrente.

Conforme o presidente da empresa, J. Douglas Drysdale, a Rexnord, acreditando no futuro do Brasil, investe atualmente numa ampliação de seu parque industrial, prevendo um aumento de participação no mercado nacional e no exterior. ■



*John Person reporta o que foi descoberto na pesquisa de celulose de mercado da PPI. Os elevados níveis de produção de 1989 decresceram. Enquanto isso, houve redução nas divulgações de expansões.*

# MEIO AMBIENTE É O NOVO DESAFIO

A produção mundial de todos os tipos de celulose de mercado totalizou 34,1 milhões de toneladas em 1990. Isso representa uma queda de 2,8% comparando com o ano anterior, conforme publicação da "1991 Worldwide Market Pulp Survey", da PPI. Tudo indica que deverá haver redução mais profunda na produção neste ano, decorrente do enfraquecimento da demanda e da queda dos preços.

Porém, isso não parece ser um ciclo habitual da celulose. Preocupações com o meio ambiente, especialmente a crescente demanda por celulose sem cloro e fibras recicladas, colocaram a indústria sob os refletores internacionais. Por certo, um período de rápidas mudanças de tecnologia e de mercado está à nossa frente.

O tipo dominante do mercado é o de fibra longa branqueada, com 40% de participação na produção total de 1990, apesar deste percentual haver caído 1% com relação a 1989.

A produção de fibra longa branqueada vem caindo, sequencialmente, há vários anos.

À queda de 5,1% em 1990 seguiu, uma queda de 0,6% em 1989, igual a ocorrida em 1988. Queda maior pode ser esperada em 1991, pois as fábricas estão interrompendo a produção para manutenção geral de suas instalações e, enquanto isso, produção e demanda entram em equilíbrio.

A produção de fibra curta branqueada, em 1990, baixou 3,2% em relação ao ano anterior, embora mantivesse o mesmo nível de participação na produção, 29%, do ano anterior. As celuloses de fibra curta estão assim mantendo sua participação no mercado.

Com a expansão da Aracruz Celulose e a ativação em breve da Bahia Sul, no Brasil, a fibra curta deve continuar seu avanço.

A pesquisa mostrou que os únicos tipos a terem aumento de produção foram as pastas quimtermomecânicas (CTMP) e tipos reciclados. A produção de CTMP subiu de 955.000 toneladas em 1989 para 1.392.000 toneladas em 1990: um salto de 46%. O aumento deveu-se, principalmente, à ativação de novas instalações no Canadá.

As celuloses recicladas representam participação mínima no mercado, apenas 0,6% da produção total de 1990 (subiu 0,4% em 1989). Mesmo assim, muitos analistas acreditam que

**QUADRO 1:**  
Celulose de Mercado: Produção por tipo e Continente em 1990

(1.000 toneladas)	EUROPA	AMÉRICA NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA	OCEANIA	ÁFRICA	1990 TOTAL
BSK (1)	3.741	8.834	765	100	138	75	13.653
BHK (1)	4.016	3.266	1.431	978		171	9.862
UBK	575	579	361	268	138	146	2.067
Sulfito (2)	1.955	580	23	26	—	—	2.584
Dissolução	396	1.604	22	350	—	219	2.591
Semiquímica	207	—	—	40	—	—	247
Soda	—	—	83	—	—	—	83
SGW	472	71	—	—	—	—	543
RMP, CMP, TMP	140	235	—	—	10	—	385
CTMP	383	839	60	—	110	—	1.392
Sem madeira	94	162	25	162	—	53	496
Reciclada (3)	87	118	—	—	—	—	205
<b>TOTAL</b>	<b>12.066</b>	<b>16.288</b>	<b>2.770</b>	<b>1.924</b>	<b>396</b>	<b>664</b>	<b>34.108</b>

BSK = Celulose de fibra longa branqueada (sulfato). BHK = Celulose de fibra curta branqueada (sulfato). (1) = Branqueada e semibranqueada. UBK = Celulose de fibra longa não branqueada. (2) = Branqueada e não branqueada. SGW = Pasta mecânica. RMP, CMP, TMP = Termomecânica. CTMP = Quimtermomecânica. (3) = Aparas recicladas sem tinta. NOTA: Celulose para absorventes está incluída em sulfato, sulfito e CTMP.

deverão tornar-se mais importante no futuro, devido ao aumento de demanda por fibra reciclada.

É possível que os anos 90 vejam o crescimento da produção com fibras recicladas. As companhias que rapidamente dominarem sistemas de coleta e separação de papel usado (aparas) poderão muito bem vender no mercado qualquer produção excedente às suas próprias necessidades.

## Adiamento das expansões

O atual estado de baixa no mercado de celulose levou ao adiamento de importantes planos de expansão. Na Europa, tudo indica que a próxima onda de expansão não deverá ocorrer antes de 1995.

A Stora, da Suécia, atrasou a expansão de sua fábrica de celulose de eucalipto em Celbi, Portugal. Projetada para aumentar a produção de 350.000 para 600.000 toneladas/ano, a Stora colocou o projeto em suspensão indefinida.

Outra empresa sueca, a Sodra Skogsagarra, deverá, agora, tomar sua decisão final sobre uma nova linha, em Mönsteras, para 1993. Essa nova linha, com capacidade de 400.000 toneladas/ano, foi, no início, planejada para ativação em 1994.

Na Finlândia, o plano para três novas fá-

bricas, a serem instaladas na região oeste do país, foi agora reduzido para apenas uma fábrica, com capacidade aproximada de 400.000 toneladas/ano e será construída pela Metsa-Botnia onde atualmente existe a fábrica de Rauma. Mais uma vez a decisão final não foi tomada até agora e nenhuma decisão é esperada antes do próximo ano.

Neste ínterim, parte da capacidade foi perdida, devido a integrações. A Soporcel, de Portugal, integrou parte de sua produção a um equipamento PM de 220.000 toneladas/ano. Também uma nova máquina de papel planejada pela Alipap, da França, irá cortar a capacidade de mercado da empresa sueca MoDo.

## Latinos menos cautelosos?

Se os europeus estão suspendendo seus planos, os países da América Latina estão embarcando em programa de expansão maciça. Além do Projeto Aracruz de 520.000 toneladas/ano, completado este ano, a nova fábrica da Bahia Sul irá aumentar a capacidade mundial da fibra de eucalipto em 250.000 toneladas/ano, quando for ativada em março ou abril de 1992.

Uma nova capacidade adicional de 2,1 milhões de toneladas (em sua maioria de fibra de eucalipto) é descrita como "provável" pe-

# PARA A KLABIN ENTRAR NA EUROPA, SÓ PRECISOU MOSTRAR ALGUMAS TONELADAS DE PAPEL.



PORTO DE PARANAGUÁ, PR – CARREGAMENTO DE PAPEL NO NAVIO REPUBLICA DI PISA, ESPECIALIZADO NO TRANSPORTE DE PRODUTOS FLORESTAIS.



OS PRODUTOS DA KLABIN, PRINCIPALMENTE O PAPEL PARA EMBALAGEM KRAFTLINER E A CELULOSE BRANQUEADA DE EUCALIPTO, TÊM GRANDE ACEITAÇÃO NA EUROPA E EM OUTRAS PARTES DO MUNDO, DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE E CUSTOS COMPETITIVOS.

PARA CHEGAR A ESSE PONTO, FOI PRECISO UM

TRABALHO PERMANENTE NO ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES DOS CLIENTES INTERNACIONAIS, INCLUSIVE COM A CRIAÇÃO DA SUBSIDIÁRIA KLABIN FOREST PRODUCTS N.V., LOCALIZADA EM ANTUÉRPIA, NA BÉLGICA. E O RESULTADO DESSE "CLIENT SERVICE" DE ALTO NÍVEL FOI A EXPORTAÇÃO DE US\$ 192,7 MILHÕES EM 1988.

KLABIN. O MELHOR VISTO DE ENTRADA EM QUALQUER PARTE DO MUNDO.



**Indústrias Klabin**  
Papéis e Celulose

los planejadores. Isso inclui os projetos da Cenibra, Riocell e Norcell, embora nenhum cronograma definitivo tenha sido estabelecido até agora.

O Chile também tem vários projetos em andamento. A fábrica de Santa Fé (eucalipto), com capital prioritário da Shell, tem capacidade para 235.000 toneladas/ano. Na parte de fibra longa, tanto a Celpac como a Arauco II estão adiantando-se ao planejado. Previstas para ativação neste ano, adicionarão 665.000 toneladas/ano de capacidade de celulose branqueada de pinheiro ao mercado mundial.

### Aventureiros asiáticos?

Os olhos da Ásia (e dos fabricantes de equipamentos para papel e celulose) estão firmemente voltados para a Indonésia. Estrela em ascensão no comércio de celulose e papel naquela região, o país iniciou enorme programa de plantações de madeira de fibra curta. A associação de produtores de papel local prevê que deverá haver um milhão de toneladas de celulose de fibra curta para exportação pelo ano 2000.

Entre os projetos mais prováveis de avançar está o plano de Indah Kiat em tornar-se a primeira fábrica da região a produzir um milhão de toneladas/ano. Apesar de ser em sua maioria produção integrada, boa parte dela deverá ser destinada à exportação, a curto prazo.

### A América fica verde

Fator comum em todos os projetos de expansão em 1990 foi o crescente custo da proteção ao meio ambiente. Mais do que em qualquer outra parte do mundo, na América do Norte, as novas fábricas sofrem exames rigorosos. Este ano veremos três expansões nos EUA. A ativação da fábrica de Eastover, da Union Camp, na Carolina do Sul, que, inicialmente, produzirá 160.000 toneladas/ano de fibras longas branqueadas e fibras curta branqueadas. Para o mercado, porém, essa quantidade deverá cair para 100.000 toneladas/ano mais tarde, como resultado de projetos de integração.

A nova fábrica de 240.000 toneladas/ano de fibra curta branqueada da Stone Savannah River, em Port Wentworth (Geórgia), estava prevista para ativação no mês passado, no final deste ano deverá estar em funcionamento a fábrica de 450.000 toneladas/ano de celulose de pinheiro do Alabama.

O Canadá também aprovou dois grandes projetos de celulose de pasta química.

A fábrica de 500.000 toneladas/ano da Alberta Pacific deverá ser ativada em meados de 1993 e a Celgar deverá adicionar 300.000 toneladas/ano à sua capacidade na mesma época.

Os produtores canadenses continuam campeões e pioneiros de celulose CTMP e de outras pastas mecânicas, com planos para ▶

**QUADRO 2:**  
Produção e comercialização de celulose de mercado em 1990 pelos principais países produtores (1.000 toneladas)

	PRODUÇÃO		IMPORTAÇÃO (1)		EXPORTAÇÃO (1)	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990
<b>EUROPA OCIDENTAL</b>						
Bélgica	235	218	522	512	196	203
Dinamarca	102	102	113	125	76	76
França	731	734	1.753	1.828	358	376
Alemanha Ocidental	272	230	3.536	3.508	183	178
Grécia	0	0	181	175	0	0
Itália	230	200	2.181	2.125	68	70
Holanda	0	0	626	633	7	8
Portugal	1.235	1.211	37	50	1.033	1.045
Espanha	822	740	324	384	551	523
Reino Unido	0	0	2.141	1.949	10	21
<b>TOTAL MERCADO COMUM EUROPEU (2)</b>	<b>3.627</b>	<b>3.435</b>	<b>11.414</b>	<b>11.289</b>	<b>2.482</b>	<b>2.500</b>
Finlândia	2.073	1.790	82	79	1.652	1.461
Noruega	741	613	80	68	649	578
Suécia	3.669	3.409	139	184	2.913	2.723
<b>TOTAL PAÍSES NÓRDICOS (2)</b>	<b>6.483</b>	<b>5.812</b>	<b>301</b>	<b>331</b>	<b>5.214</b>	<b>4.762</b>
Áustria	370	322	395	395	244	194
Suíça	120	125	364	348	62	59
<b>TOTAL EUROPA OCIDENTAL</b>	<b>10.600</b>	<b>9.694</b>	<b>12.474</b>	<b>12.363</b>	<b>8.002</b>	<b>7.515</b>
<b>LESTE EUROPEU</b>						
Checoslováquia	590	712	34	26	188	172
Polônia	62	50	190	150	12	10
Romênia	184	201	54	39	0	0
URSS	3.250	2.000	230	200	1.000	600
Iugoslávia	350	300	207	144	85	117
Pequenos ou não produtores	0	0	403	363	0	0
<b>TOTAL LESTE EUROPEU (2)</b>	<b>4.436</b>	<b>3.263</b>	<b>1.118</b>	<b>922</b>	<b>1.285</b>	<b>899</b>
<b>TOTAL EUROPA (2)</b>	<b>15.036</b>	<b>12.957</b>	<b>13.592</b>	<b>13.285</b>	<b>9.287</b>	<b>8.414</b>
<b>AMÉRICA DO NORTE</b>						
Canadá	8.338	7.374	179	247	7.279	6.465
USA	7.860	7.982	3.211	2.917	4.817	5.045
<b>TOTAL A. NORTE (2)</b>	<b>16.198</b>	<b>15.356</b>	<b>3.390</b>	<b>3.164</b>	<b>12.096</b>	<b>11.510</b>
<b>AMÉRICA LATINA</b>						
Argentina	250	252	19	17	56	118
Brasil	1.618	1.701	75	74	1.003	1.035
Chile	442	552	6	3	482	581
México	180	184	286	311	31	23
Pequenos ou não produtores	20	20	346	542	190	190
<b>TOTAL A. LATINA (2)</b>	<b>2.510</b>	<b>2.709</b>	<b>732</b>	<b>947</b>	<b>1.762</b>	<b>1.947</b>
<b>ÁSIA / OCEANIA</b>						
Bangladesh	21	22	25	20	0	0
China	220	230	476	342	9	4
Índia	24	25	300	150	0	0
Indonésia	150	210	208	217	87	181
Japão	956	933	3.364	2.894	11	19
Coreia do Sul	157	159	959	1.135	0	0
Nova Zelândia	563	590	6	15	527	628
Taiwan	350	329	386	429	93	89
Tailândia	117	112	139	169	27	3
Pequenos ou não produtores	20	20	712	680	97	35
<b>TOTAL ÁSIA / OCEANIA (2)</b>	<b>2.578</b>	<b>2.630</b>	<b>6.575</b>	<b>6.051</b>	<b>851</b>	<b>959</b>
<b>ÁFRICA</b>						
Marrocos	107	100	28	26	80	104
África do Sul	470	373	20	25	415	410
Suazilândia	147	130	0	0	155	133
Pequenos ou não produtores	50	50	239	255	10	10
<b>TOTAL ÁFRICA (2)</b>	<b>774</b>	<b>653</b>	<b>287</b>	<b>306</b>	<b>660</b>	<b>657</b>
<b>TOTAL MUNDIAL</b>	<b>37.096</b>	<b>34.305</b>	<b>24.577</b>	<b>23.753</b>	<b>24.656</b>	<b>23.487</b>

(1) Onde os números do comércio de celulose de mercado não estavam disponíveis foi usado o total das importações/exportações de celulose. Nestes casos, alguma celulose pode não ser celulose de mercado. (2) Os totais do comércio servem meramente como indicadores de fluxo de mercado: eles não são o líquido dentro e fora da região, simplesmente a soma de importações/exportações para países na região. O quadro inclui estimativas da PPI e da Rede National Editors da PPI.

747.000 toneladas/ano de capacidade ao final de 1993.

### Crescem pressões ambientais

As suposições cômodas que orientavam o setor de celulose podem não mais se aplicar nos anos 90.

As empresas mantinham um perfil discreto, atendendo ao ciclo de oferta-demanda com relativo sucesso.

Tudo isso está se modificando.

Pressões dos usuários de papel estão forçando os fabricantes de celulose a limpar seus efluentes e a buscar processos de preservação do meio ambiente.

Durante os anos 90 essas pressões deverão gerar uma revolução, tanto do ponto de vista da tecnologia aplicada para celulose quanto da própria concepção da indústria.

Já salientamos neste artigo que a demanda por papéis contendo aparas pode criar novas e florescentes atividades de celulose de mercado reciclada. Recente estudo da Ekono/CTS, da Finlândia, prevê explosivo crescimento nas utilizações de fibras recicladas durante esta década.

Outro importante campo de batalha do meio ambiente será o uso do cloro e composto do cloro nos processos de branqueamentos da celulose, especialmente no setor de papel de imprensa. Compradores que atualmente não utilizam papel reciclado na impressão irão desejar mostrar ao público preocupação com o meio ambiente e irão mudar, abandonando o papel contendo cloro. O resultado será uma pressão crescente sobre os produtores de celulose para desenvolverem novos processos de branqueamento. A penalidade para os que não se comportarem dessa forma poderá ser a perda de mercado e perdas financeiras. Em alguns mercados da Europa já existe um diferencial de preço entre a celulose branqueada basicamente com cloro e a celulose branqueada com outro composto. Entretanto, ainda estamos longe de obter celuloses que sejam completamente livres de cloro e que tenham as propriedades de resistência e alvura necessárias exigidas hoje pelos mercados de papel.

Como ponto a favor, a indústria já está começando a reagir para encontrar soluções para essa ameaça de longo prazo. A utilização de branqueamento por ozônio está em larga escala de teste e o pré-branqueamento por enzimas poderá tornar-se realidade no meio desta década, eliminando o uso do cloro no processo. Novas técnicas de remoção de lignina estão permitindo às fábricas baixar os números de "kappa" no cozimento sem perda da resistência.

Qualquer que seja o resultado dessas experiências, o certo é que a atividade do setor de celulose no futuro será dirigida não somente pelas necessidades das fábricas, mas também pelas exigências e pressões do usuário final dos produtos de papel e papelão.

Este é o desafio dos anos 90. ■

**QUADRO 3:**  
Exportações de celulose em 1990 dos maiores produtores (1.000 toneladas)

MAIORES IMPORTADORES	EUA	CANADÁ	SUÉCIA	FINLÂNDIA	NORUEGA	BRASIL
Áustria	33	63	43	32	3	7
Bélgica	71	240	117	25	17	29
Checoslováquia	7	3	13	15	—	—
Dinamarca	5	—	56	16	23	4
Finlândia	—	7	27	—	12	—
França	300	236	259	134	69	61
Rep. Dem. Alemã	1	5	23	44	—	2
Rep. Fed. Alemã	534	654	899	411	157	91
Grécia	40	19	24	18	1	—
Hungria	—	—	14	—	—	—
Irlanda	3	15	2	2	—	—
Itália	409	378	287	112	33	40
Holanda	115	146	170	54	51	12
Noruega	—	—	62	1	—	—
Polônia	21	17	9	3	2	—
Portugal	18	—	3	11	1	—
Espanha	125	31	7	13	5	9
Suécia	20	14	—	3	51	14
Suíça	52	55	77	42	8	6
Reino Unido	246	317	241	252	96	77
URSS	13	19	1	89	22	—
Iugoslávia	10	4	37	4	4	3
Outros Países da Europa	9	2	63	—	5	3
<b>TOTAL DA EUROPA</b>	<b>2.031</b>	<b>2.226</b>	<b>2.434</b>	<b>1.280</b>	<b>560</b>	<b>358</b>
Canadá	207	—	7	—	—	3
Estados Unidos	—	3.718	31	8	—	331
<b>TOTAL AMÉRICA DO NORTE</b>	<b>207</b>	<b>3.718</b>	<b>38</b>	<b>8</b>	<b>—</b>	<b>334</b>
Brasil	7	18	—	—	—	—
Colômbia	13	2	—	2	—	8
México	270	44	—	—	—	—
Venezuela	130	39	—	—	—	3
Outros países da A. Latina	28	13	—	—	—	9
<b>TOTAL AMÉRICA LATINA</b>	<b>448</b>	<b>116</b>	<b>—</b>	<b>2</b>	<b>—</b>	<b>19</b>
Rep. Popular da China	82	196	11	7	1	2
Hong Kong	9	14	—	—	—	—
Índia	89	85	13	7	—	1
Indonésia	89	36	16	3	1	1
Irã	—	10	8	6	3	—
Iraque	27	—	1	—	—	—
Israel	28	12	10	18	4	—
Japão	1.036	790	83	30	—	207
Rep. da Coreia	455	192	23	14	—	33
Paquistão	20	1	—	—	—	—
Filipinas	24	6	—	—	—	—
Arábia Saudita	41	—	—	—	—	—
Cingapura	1	7	—	—	—	2
Taiwan	224	74	38	8	—	8
Tailândia	25	39	5	—	—	—
Turquia	39	—	32	7	—	—
Outros países da Ásia	14	9	9	6	7	2
<b>TOTAL ÁSIA</b>	<b>2.202</b>	<b>1.471</b>	<b>248</b>	<b>107</b>	<b>16</b>	<b>257</b>
Austrália	37	68	13	13	—	4
Nova Zelândia	10	—	—	—	—	—
<b>TOTAL OCEANIA</b>	<b>46</b>	<b>68</b>	<b>13</b>	<b>13</b>	<b>—</b>	<b>4</b>
Algéria	48	—	2	—	—	—
Egito	40	—	1	2	—	—
Marrocos	2	—	17	1	4	—
África do Sul	25	1	—	—	—	1
Outros países da África	4	2	17	3	2	—
<b>TOTAL ÁFRICA</b>	<b>118</b>	<b>4</b>	<b>36</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL MUNDIAL</b>	<b>5.052</b>	<b>7.602</b>	<b>2.769</b>	<b>1.415</b>	<b>582</b>	<b>973</b>

**Notas:** Há discrepâncias entre este quadro e o quadro 2 — Este quadro relata o total das exportações de celulose, não apenas celulose de mercado. Também as exportações do Brasil referem-se apenas às de fibra curta. As da Finlândia são de pasta química.

# SIEMENS

## SIDRAS

### Siemens Drives Automation and Systems A tecnologia no seu papel-chave

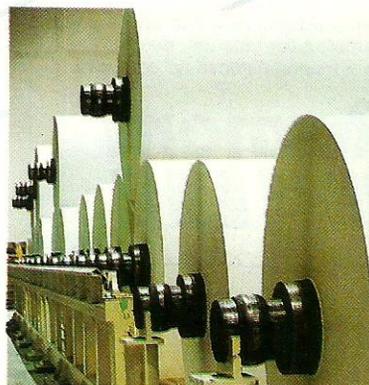
# SIDRAS

SIDRAS é tecnologia Siemens para a indústria de papel e celulose. Abrange o fornecimento de equipamentos de geração e distribuição de energia, centro de controle de motores, motores CA ou CC, conversores e inversores microprocessados, controle de processos, automação industrial, iluminação e sistemas de segurança. SIDRAS engloba o suporte técnico de nossos engenheiros de vendas, design personalizado, fabricação, engenharia de software, documentação, instalação e start-up até service e treinamento.

O conceito SIDRAS envolve:

- Todo o complexo de engenharia eletroeletrônica
- Seleção de produtos com suporte de engenharia
- Soluções modulares para pequenas e grandes instalações em sistema turn-key
- Ausência de problemas de interface e interação homem-máquina padronizada
- Integração de monitoração e controle, otimizando máquinas e processos
- Versatilidade e expansão de fábrica

SIDRAS integra todos esses fatores em um só conceito: tecnologia com padrão mundial Siemens para a indústria de papel e celulose.

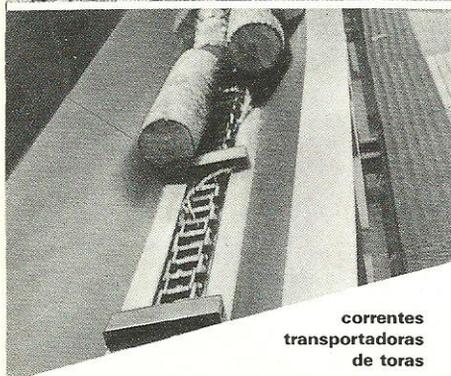


Consulte-nos  
Siemens SA

Indústria, Automação e Construção  
Depto. Papel e Celulose (INS 221)  
(011) 833-2836 / 2837

## Correntes para indústrias de celulose e papel

correntes transportadoras de cavacos



correntes transportadoras de toras

Atuando nos mais variados segmentos produtivos, as correntes marca **Rex** são sinônimos de superior qualidade, alta performance e de maior confiabilidade. Para o segmento de celulose e papel, as correntes **Rex** são projetadas de forma a suportar altas cargas de tração, violentos impactos e abrasão constante. No transporte de toras, os arrastadores são desenhados para terem as mesmas propriedades mecânicas das correntes. No transporte de cavacos, o novo formato da bucha da corrente **WDH480** proporciona maior arraste e maior resistência ao desgaste e ao impacto. As correntes fabricadas pela Rexnord asseguram o retorno desejado sobre o investimento: maior vida útil, mais eficiência e menos paradas na produção.

# Rexnord

#### Matriz:

Rua Christopher Levalley, 187  
93030 S. Leopoldo, RS, Brasil  
Fone (0512) 92-6000  
Telex (52) 4019 REXE BR  
Fax (0512) 92-2710

#### Filial:

Alameda Vicente Pinzon, 178  
Caixa Postal 19206  
04599 São Paulo — SP  
Fone (011) 820-3133  
Telex (11) 25712 REXE BR  
Fax (011) 829-0690

# CINCO PONTOS DE TRABALHO CONJUNTO

*Durante o 2º Congresso Internacional de Celulose e Papel realizado em outubro em Buenos Aires, empresários de 23 países discutiram as tendências e projeções de consumo mundiais para o setor.*

**E**mpresários de 23 países estiveram presentes ao 2º Congresso Internacional de Celulose e Papel, que foi realizado em Buenos Aires nos últimos dias 14, 15 e 16 de outubro. A abertura foi feita pelo presidente argentino, Carlos Menen, e pelo presidente da Associação Industrial daquele país, Hector Gronchi.

As principais personalidades do setor a se manifestarem foram Bernard Majaani, da Papercast; David Clark, da EPI; Roger Wright, da Hawkins e Wright; e Jimmy Campbell, diretor comercial da Alto Paraná. Takao Teresaky, da C. Itoh, deu uma visão fascinante do mundo da celulose e papel do ponto de vista japonês, e pelo Instituto Técnico de Leningrado falou Alesevich Terentiev. O representante brasileiro foi Celso Foelkel, da Riocell.

Todos esses especialistas discutiram tendências e projeções de consumo mundiais e, apesar dos pontos de vista controversos de muitos, houve consenso final de que os preços baixos de papel e celulose no mercado internacional se reverterão nos próximos períodos.

O 2º Congresso Internacional foi precedido pela X Assembléia Geral Ordinária da Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana (Cicepla), que contou com a presença de 430 membros. A Cicepla foi criada há 15 anos no Guarujá, Brasil, e se transformou hoje no principal fórum

de debates econômicos, comerciais e técnicos dos empresários e alto staff do setor papelero na América Latina.

As principais recomendações dos cinco comitês aprovadas pelo Conselho Diretor da Confederação são as seguintes:

1. Adoção pelos membros da Cicepla dos princípios estabelecidos na carta do Conselho Comercial de Desenvolvimento Sustentado;
2. Rápida e constante adaptação em todas as áreas industriais dos procedimentos de Qualidade Total, como definidos nos padrões ISO 9000;
3. Agilização do acesso a todas as estatísticas e informações comerciais disponíveis para que possam ser usadas como instrumentos de planejamento na administração empresarial, no lugar de simples dados históricos;
4. Adoção por todos os países-membros da Classificação de Consumidores NAB — Sistema Harmônico; e
5. Preparação de um documento básico sobre a posição da indústria papelera no tocante às relações com a comunidade, a sociedade e a humanidade em geral, em relação às suas necessidades e aspirações dentro da viabilidade econômica estabelecida no conceito de desenvolvimento sustentado.

No final da reunião da Cicepla, o mexicano Jorge Babatz passou a presidência do organismo para o venezuelano Joan Calvo de Dios. A vice-presidência ficou com Jorge Sanguinetti, do Uruguai. Calvo de Dios prometeu trabalhar arduamente. Ele programará com os presidentes de cada uma das federações nacionais uma visita a presidentes da República de cada país-membro como forma de enfatizar a importância da atividade de produção de celulose e papel no desenvolvimento e bem-estar dos países latino-americanos. ■



**REFINAÇÕES DE MILHO, BRASIL  
DIVISÃO DE PRODUTOS INDUSTRIAIS**

**Aqui, tecnologia é  
matéria-prima.**

**RMB**

# PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO OFERECE NOVAS OPÇÕES

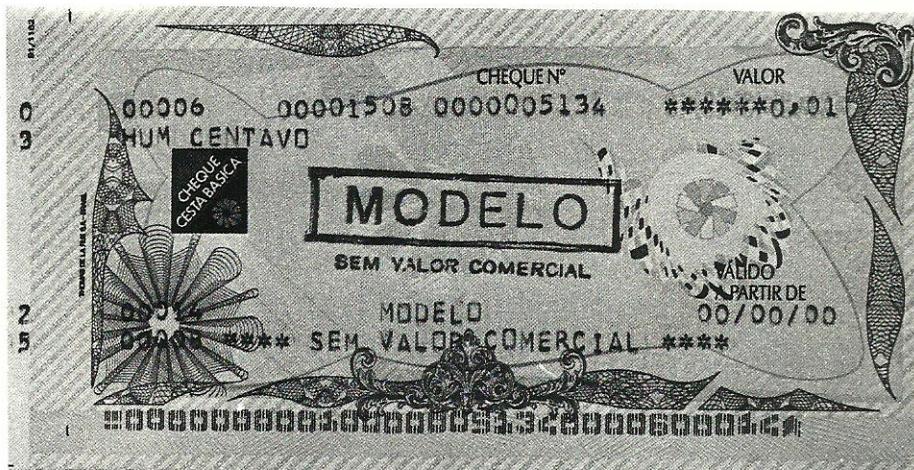
O PAT-Programa de Alimentação do Trabalhador, instituído há tempos pelo governo, objetivando oferecer melhores condições alimentícias para os trabalhadores brasileiros, vem sendo ampliado e aprimorado. Inicialmente o PAT permitia a dedução do Imposto de Renda apenas das empresas que fornecessem refeições aos seus empregados em refeitórios próprios, no local de trabalho. Posteriormente estendeu o benefício à maioria das empresas através dos cheques-refeição. Mais recentemente o PAT foi ampliado com a permissão para distribuição de cestas de alimentos sem que o valor fosse considerado como benefício salarial. Agora foi autorizada também a introdução de cheques-supermercado, os quais permitem ao trabalhador escolher seu próprio pacote de alimentos.

## Livre escolha para compras

O novo sistema atende a uma necessidade empresarial de simplificar a operação de distribuição das cestas de alimentos, que exigia das empresas a manutenção de uma estrutura somente com a finalidade de acompanhar a aquisição das cestas, estocá-las adequadamente, de modo a garantir a qualidade e prazos de validade dos produtos, e promover mensalmente a entrega a seus funcionários.

Ao mesmo tempo, o sistema de cheques-supermercados elimina as dificuldades de transporte da cesta física pelo trabalhador e oferece a ele e à sua família a liberdade de opção para compor os itens da cesta básica de acordo com a sua conveniência.

Segundo Wilson Duarte, diretor da Cheque Cesta Básica, uma das empresas que introduziram o novo conceito de cheque-supermercado no mercado de cestas básicas, "a adoção desse sistema pela empresa é garantia da melhoria da qualidade de vida do trabalhador e de sua família, com enormes benefícios para a própria empresa". Ele cita uma pesquisa para demonstrar que as atitudes empresariais mais bem-sucedidas são justamente aque-



las que levam em conta a necessidade de melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento social do trabalhador.

Estudos desenvolvidos em diversos países têm comprovado a validade da relação entre ingestão calórica e produtividade. Em seminário realizado pela FAO, OMS e OIT em Roma, abordando estudos sobre a evolução econômica de 52 países, ficou evidenciado que um aumento de 1% das calorias disponíveis *per capita* correspondeu a um incremento de 2,2% na produtividade. Esse índice foi, segundo a pesquisa, muito superior aos acréscimos na produtividade derivados de um aumento de igual percentual nos investimentos em habitação, ensino superior e segurança social.

"A oferta de alimentação adequada, do executivo ao operário menos qualificado", diz Duarte, "é comprovadamente condição básica para que as empresas obtenham ganhos de produtividade e, conseqüentemente, para gerar produtos e serviços melhores e mais competitivos. Mas nenhum trabalhador, ainda que convenientemente alimentado, poderá desenvolver sua atividade de maneira satisfatória se não puder garantir a alimentação adequada a seus familiares."

Provavelmente por isso, cada vez mais os trabalhadores têm incluído a alimentação como objeto de suas negociações coletivas, obtendo em seus dissídios a

oferta de complementação alimentar pelas empresas, através de convênios e cestas básicas. Desse modo, o sistema de cestas e cheques-supermercados passa a ser um elemento importante de harmonização e integração nas relações entre capital e trabalho ao proporcionar aumento indireto da renda do trabalhador, melhor alimentação para sua família e garantir para a empresa maior produtividade e melhor oferta de remuneração aos funcionários sem um correspondente acréscimo de encargos.

A adoção do cheque-supermercado pelas empresas está inserida no PAT, Programa de Alimentação do Trabalhador, criado em 1976 pelo governo com o objetivo de incentivar as empresas a custearem parte da alimentação dos funcionários, e é administrado pelo Ministério do Trabalho. As empresas que implantam o sistema podem deduzir no Imposto de Renda até o dobro das despesas comprovadamente realizadas, desde que elas não sejam superiores a 5% do lucro tributável em cada exercício fiscal.

Como esse benefício ao trabalhador não é considerado salário indireto, não está sujeito à incidência de contribuições previdenciárias. O benefício pode ser concedido a todos os funcionários contratados com registro em carteira, sendo que os que recebem até cinco salários mínimos têm prioridade no atendimento. ■

# LIX SERVICE ACABA COM O MAIOR MEDO DO EMPRESÁRIO: VER SUA EMPRESA PARAR.



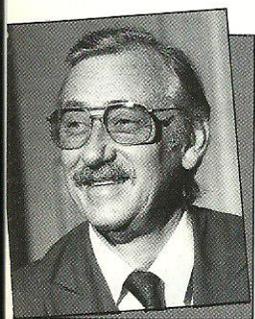
Se você vem adiando serviços de reforma e manutenção em sua indústria por medo da sua produção parar, já pode colocar seus planos em prática. A Lix da Cunha, uma das maiores construtoras brasileiras, trouxe para o setor de recuperação de indústrias seu amplo conhecimento em construção civil. E mais: desenvolveu tecnologia própria para a realização de obras em instalações industriais, sem interromper o fluxo da produção. Dessa experiência nasceu Lix Service.



Para qualquer tipo de manutenção a ser executado — recuperação de estruturas, remanejamento de layouts, reconstrução de pisos, impermeabilização, reformas em fachadas — conte com a experiência e o know-how da Lix da Cunha. Afinal, quem já fez mais de 2.000 obras de grande porte e tem vivência de todo tipo de instalações industriais, pode dar a solução eficiente e segura que você deseja. Não espere mais: chame Lix Service para seu parceiro nessa obra.

## QUEREMOS SAIR DA UTI

*Max Schrappe(\*)*



O Brasil precisa decidir uma questão fundamental: se o empresariado é o culpado da crise por não empreender. Passam os anos, mudam os governos, mas o empresário é sempre o vilão das crises — o responsável pelos males que atingem a sociedade.

Quem se arrisca a empreender no Brasil, no momento em que as empresas dos setores mais eficientes começam a desempregar mão-de-obra? É o resultado da desordem em que o governo enfiou a economia do país nos últimos meses sem conseguir, entre outras, cumprir as suas promessas de nocautear a inflação, reduzir o déficit público e privatizar as empresas estatais.

Fala-se em mais uma reforma fiscal. No fundo, todos sabemos, vem aí um novo aumento de impostos contra os setores produtivos. É mais um ataque a quem ainda, com sacrifícios inimagináveis, trabalha pela recuperação e retomada do desenvolvimento. Ninguém mais cai nessa estória de tirar dos ricos para dar aos pobres.

Lamentavelmente, a função social do empresariado só é lembrada e conhecida na cobrança de tributos. O fato de criar empregos, produzir recursos para o progresso, gerar riquezas não parece importante para o país. Por outro lado,

quando o empresariado enfrenta os graves e sucessivos golpes de uma tumultuada e indefinida política econômica e, sob pressão, fica obrigado a lutar para sobreviver, é desumano nas demissões, é sonegador nos atrasos, é pessimista quanto ao futuro.

Estamos de volta para o passado, essa é a realidade. O espírito empreendedor está sendo sufocado e caminhamos para sermos o país agrícola de séculos atrás. Ou nem isso, já que o setor rural está também sendo duramente atingido.

A confusão é tanta, que, de forma irônica, estamos vendo crescer a animosidade entre os diversos e diferentes segmentos do empresariado. Isso não deve acontecer. Precisamos estar unidos. A perfeita integração na busca de um debate transparente e na elaboração de saídas comuns, é de absoluta necessidade e urgência. É o único e adequado caminho para enfrentarmos nossos problemas que, hoje, nos colocam num incabível e desgastante confronto. E isso só interessa ao próprio governo, aos que pretendem se isentar de nítidas responsabilidades pela crise.

Não adianta ficarmos fazendo mútuas acusações. Todos somos, de certa forma, culpados. Portanto, é preciso o entendimento. Não podemos perder a calma. Vamos ampliar e manter o diálogo entre os empresários e os trabalhadores. Juntos vamos exigir o atendimento de nossas básicas expectativas, em no-

me da produção e do desenvolvimento.

Devemos combater, com sabedoria, os males causados pelas interpretações apressada de certas medidas, de tantos boatos que se confundem com as verdades da crise. A simples menção da palavra juros tem, somos todos testemunhas, desestabilizado a economia brasileira. Essa perigosa palavra quando usada na teoria pelos tecnoburocratas, é apenas uma referência válida no contexto. Mas, na prática, na vida da sociedade, tem se tornado um cruel incentivador de aumento nos custos, nos preços de tudo. Às vezes tão grave que inviabiliza os negócios, a produção.

Juros para os banqueiros é lucro, para os industriais é prejuízo. Essa multiplicidade de circunstâncias gera conflitos, gera mais insegurança e inflação. Vivemos um país atípico, distinto dos demais. Nos Estados Unidos, por exemplo, a mínima recessão faz caírem os juros. Aqui, ao contrário, a recessão eleva os juros rapidamente.

Este é um grito de alerta quanto à necessidade primordial de entendimento. Unidos, poderemos conquistar a reativação da economia, através da vontade de empreender e disputar mercado. Afinal, queremos sair da UTI.

*Max Schrappe, industrial gráfico, é presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica - ABIGRAF e do Sindicato da Indústria Gráfica no Estado de São Paulo - SINDIGRAF.*

# PRODUZIR PERÓXIDO DE HIDROGÊNIO É IMPORTANTE. POSSUIR UMA LOGÍSTICA ADEQUADA, TAMBÉM!



Com esta preocupação a Peróxidos mantém uma frota própria, especializada e de uso exclusivo para o transporte de peróxido de hidrogênio, composta de tanques, ISO containers e box containers, para suprir os mercados nacional e de exportação.



**PERÓXIDOS DO BRASIL LTDA**

Av. Paulista, 2001 - 14º - 01311  
São Paulo - SP - Tel.: (011) 289-0566



# MICRO XL

POTENTE  
VERSÁTIL

## SOLUÇÃO ECONÔMICA EM SISTEMAS DIGITAIS DE CONTROLE DISTRIBUÍDO

O MICRO XL apresenta a melhor relação custo/benefício do mercado para controle de processos em batelada ou aplicações de automação industrial. É modular, dispondo de funções avançadas de controle e de comunicação, que servem como eficiente ferramenta para a integração completa da fábrica ("mill-wide") — desde o gerenciamento de matérias-primas, controle avançado de seqüências batelada e controle da linha de produção —, podendo se comunicar com PLCs, computadores supervisórios e outros sistemas.

O MICRO XL é flexível. Tem funções integradas de configuração e suporta programas do usuário em "BASIC Tempo-Real". Uma grande biblioteca de pacotes aplicativos está disponível para uso nos mais diversos tipos de processos.

O MICRO XL é um sistema compacto, resultado do "estado-da-arte" dos sistemas de 32 bits produzidos pela ECIL P&D com tecnologia da YOKOGAWA ELECTRIC CORP., e garantido pela tradição e competência de empresas líderes no mercado de Sistemas Digitais de Controle Distribuído.

Para maiores informações, *não hesite em nos contatar* pelo fone (011) 709-1433 ☎.

Avenida Juruá, 149 - Alphaville - 06455 - Barueri - São Paulo  
Tel.: (011) 709-1433 - Tlx.: (11) 71033 - Fax: (011) 709-1329

**ECIL P&D**

SOLUÇÕES EM CONTROLE DE PROCESSOS